



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDEO NUNES DE BARROS – CSHNB
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARCOS MOURA MENEZES

**“PROCURAVAM SEMPRE DÁ O MELHOR ENSINO”:
HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FORMAL NAS ESCOLAS QUE
POSSUÍAM O 2º GRAU EM PICOS-PI NA DÉCADA DE 1980**

MARCOS MOURA MENEZES

**“PROCURAVAM SEMPRE DÁ O MELHOR ENSINO”:
HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FORMAL NAS ESCOLAS QUE
POSSUÍAM O 2º GRAU EM PICOS-PI NA DÉCADA DE 1980**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos

PICOS – PI
2023

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

M543p Menezes, Marcos Moura

“Procuravam sempre dá o melhor ensino” : história e memória da educação formal nas escolas que possuíam o 2º grau em Picos – PI na década de 1980 [recurso eletrônico] / Marcos Moura Menezes – 2023.
86 f.

1 Arquivo em PDF

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-CSHNB
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos, 2023.

“Orientador: Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos ”

1. História da educação. 2. História e memória. 3. Educação formal. 4. Segundo grau. 5. Picos – PI. I. Santos, Raimundo Nonato Lima dos. II. Título.

CDD 370.981



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos vinte e oito (28) dias do mês de março de 2023, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **MARCOS MOURA MENEZES** sob o título **“PROCURAVAM SEMPRE DÁ O MELHOR ENSINO”: HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FORMAL NAS ESCOLAS QUE POSSUÍAM O 2º GRAU EM PICOS-PI NA DÉCADA DE 1980.**

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos
Examinador 1: Prof. Dr. Francisco Waldílio de Sousa
Examinadora 2: Profa. Dra. Maria da Conceição Rodrigues Martins

Deliberou pela **APROVAÇÃO** do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de **9,0**.

Picos (PI), 28 de março de 2023.

Orientador (a): Raimundo Nonato Lima dos Santos
Examinador (a) 1: Francisco Waldílio de Sousa
Examinador (a) 2: Maria da Conceição Rodrigues Martins

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.”

PAULO FREIRE

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, por sempre ter me dado forças em todos os momentos, inclusive nos momentos difíceis. Deus me fez acreditar que eu seria capaz de conseguir.

Agradeço a todos que de forma direta ou indireta contribuíram durante todo o meu processo de formação acadêmica e pessoal.

Agradeço aos meus pais Maurício e Francineide, por terem me dado às condições necessárias para que eu conseguisse trilhar esse longo caminho. Agradeço a meus irmãos Mykael e Mykaelly por todo o incentivo, a contribuição e a força em todos os momentos.

Agradeço a meu Orientador, Professor Raimundo Nonato Lima dos Santos, pela compreensão, a paciência e pela excelente orientação durante a construção desse trabalho.

Agradeço a todos os professores do curso de História, por todas as contribuições e pela dedicação durante todo o curso.

Agradeço a todos os meus familiares, em especial o meu tio Francisco, por sempre ter me dado apoio e sempre ter acreditado que eu seria capaz de conseguir.

Agradeço a todos os meus amigos e colegas de curso, por toda a ajuda durante esse percurso, em especial, Kátia, Laura, Francisco das Chagas, Bruno, Marcos Freitas, Fábio, Gabriela, Carlos Vinícius e Jhonys. Sem a contribuição de todos, eu jamais conseguiria ter chegado até aqui.

MUITO OBRIGADO!

RESUMO

A pesquisa analisou o contexto da educação formal na cidade de Picos-PI nas escolas que ofertavam o Segundo Grau, na década de 1980, pois nesse período houvera um crescimento inicial desse ensino nas cidades do interior do Piauí. Objetivou-se compreender como esta modalidade passou a fazer parte do cotidiano de uma parcela considerável da população desta região, a partir das perspectivas apresentadas por alunos e professores que estudaram/trabalharam na Escola Normal Oficial de Picos, no Colégio Estadual Marcos Parente e na Unidade Escolar Desembargador Vidal de Freitas. As principais fontes históricas utilizadas foram os relatos orais de sujeitos que estudaram e/ou trabalharam nessas escolas durante o período investigado. Como embasamento teórico e metodológico nesse estudo, fizemos uso das reflexões de Sandra Pesavento (2007), Paul Thompson (1992), Jacques Le Goff (2003), Janaina Amado (1997), Paul Ricoeur (1997), Cristiane Pinheiro (2007) e Patrick Sousa (2016). O trabalho evidenciou a estrutura física e organizacional das escolas, as metodologias de ensino, a relação entre professores e alunos, o apoio do Estado a essas instituições e, conseqüentemente, aos alunos que estudavam nelas, bem como suas dificuldades.

Palavras-chave: História e Memória. História da Educação. Educação formal. Segundo Grau. Picos-PI.

ABSTRACT

The research analyzed the context of formal education in the city of Picos-PI in schools that offered Secondary Education, in the 1980s, as in that period there would be an initial growth of this teaching in the cities of the interior of Piauí. The objective was to understand how this modality became part of the daily life of a considerable portion of the population of this region, from the satisfactory perspectives of students and teachers who studied/worked at the Escola Normal Oficial de Picos, at Colégio Estadual Marcos Parente and at the Judge Vidal de Freitas. The main historical sources used were the oral reports of subjects who studied and/or worked in these schools during the investigated period. As a theoretical and methodological basis for this study, I used the reflections of Sandra Pesavento (2007), Paul Thompson (1992), Jacques Le Goff (2003), Janaína Amado (1997), Paul Ricoeur (1997), Cristiane Pinheiro (2007) and Patrick Sousa (2016). The work showed the physical and organizational structure of the schools, the teaching methodologies, the relationship between teachers and students, the State's support for these institutions and, consequently, for the students who studied there, as well as their difficulties.

KEYWORDS: History. Memory. Formal education. High school. Peaks.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Picos na década de 1980.....	23
FIGURA 2: Unidade Escolar Polivalente Desembargador Vidal de Freitas (Dec. de 1980).....	28
FIGURA 3: Passarela de Picos no ano de 1981.....	30
FIGURA 4: Inauguração da atual sede do Colégio Estadual Marcos Parente em 1970.....	31
FIGURA 5: Prédio do Colégio Marcos Parente visto pela frente (década de 1980).....	32
FIGURA 6: Prédio do Colégio Marcos Parente visto pelos fundos (década de 1980).....	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PI – Piauí

CEMP – Colégio Estadual Marcos Parente

ENOP – Escola Normal Oficial de Picos

UEPDVF – Unidade Escolar Polivalente Desembargador Vidal de Freitas

LDB – Lei de Diretrizes e Bases (da educação nacional)

OSPB – Organização Social e Política do Brasil

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO: UMA VISÃO DE ESPAÇO URBANO E DO CONTEXTO EDUCACIONAL DA DÉCADA DE 1980.....	16
2.1 Para além dos muros das escolas: espaço, educação e cidade.....	16
2.2 Educação formal em Picos: um esboço sobre as escolas que ofertavam o 2º Grau na década de 1980.....	22
3. EDUCAÇÃO FORMAL EM PICOS: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE ALUNOS E PROFESSORES.....	34
3.1 Os relatos orais como fontes históricas.....	34
3.2 Nos rastros dos relatos: desafios e práticas da educação em Picos nos anos de 1980.....	36
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	57
ANEXOS.....	62

1 INTRODUÇÃO

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam e aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar — às vezes a ocultar, às vezes a inculcar — de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem (BRANDÃO, 2017, p. 4).

A educação pode ser entendida como um dos instrumentos que os seres humanos utilizam para tornar algo em comum, como: o saber, a ideia, a crença. Trata-se de um elemento que é comunitário, como: o bem, o trabalho ou a vida (BRANDÃO, 2017). No Brasil, a educação formal foi instituída durante o período da colonização portuguesa, com a chegada dos jesuítas, porém era um privilégio das classes dominantes, pois apenas uma pequena parcela da população tinha acesso à educação escolar (BORGES, 2017). Nesse período, a sociedade brasileira caracterizava-se como patriarcal, tendo em vista que predominava a autoridade sem limites dos donos de terras (RIBEIRO, 1993).

Nesta época, durante o período colonial no Piauí, não existia interesse das autoridades brasileiras em ampliar o acesso e o desenvolvimento da educação escolar no país, tendo em vista que, o processo educacional era privilégio das burguesias urbanas, formadas, especialmente, pelos filhos dos donos de engenho (BORGES, 2017).

Considerando as declarações acima, percebe-se que o cenário educacional no Brasil, desde o período colonial, é palco de muitos percalços, estes com limitações e com dificuldades. As primeiras notícias que se tem de educação formal em Picos-PI, cidade piauiense, localizada na região centro-sul do Estado, são por volta do século XIX. A princípio, nota-se que houve uma grande dificuldade na implementação do sistema formal de ensino nesse espaço durante o período colonial, devido a diversos fatores, tais quais é possível observar: a própria falta de interesse da população.

No período republicano, durante a primeira metade do século XX, essa estrutura problemática de ensino continuou a se perpetuar na sociedade picoense. Neste período, há uma relativa continuidade da situação educacional do período colonial, sendo ainda prioridade da população o manejo com o campo. Dessa forma, era muito comum que as crianças desse

período fossem inseridas nesse contexto, apesar de terem que conciliar os estudos e os trabalhos na roça. Ademais, grande parte das pessoas viviam nas comunidades rurais, o que provocava um distanciamento do sistema escolar, já que ele estava mais concentrado no centro urbano da cidade (VIERA, 2005).

Tendo em vista esse breve quadro descrito sobre a educação no Brasil, no Piauí e em Picos-PI, chega-se ao nosso recorte espacial, o município picoense, localizado a 314 quilômetros de distância da capital do estado, Teresina. É cortado pelo rio Guaribas, característica que se alia ao seu posicionamento geográfico, lhe conferindo uma condição de um polo comercial. É preciso considerar que a ocupação das terras dos sertões de dentro se efetivou no século XVIII e que a população vivia em torno das fazendas, principal unidade produtiva. Picos fazia parte da região de Oeiras, sede do governo até 1852, portanto estava vinculada a um dos principais núcleos políticos administrativos do período.

Desse modo, a educação tornou-se um tema que nos chamou bastante atenção, e em razão disso, optou-se por desenvolver um trabalho voltado a essa temática. No entanto, de forma mais específica e com um recorte temporal mais recente. A presente pesquisa objetivou investigar a história e a memória sobre a educação formal nas escolas que possuíam o Segundo Grau em Picos-PI na década de 1980.

É necessário destacar, o que atualmente é mencionado como Ensino Médio, no período investigado nessa pesquisa, década de 1980, era denominado de 2º Grau. No ano de 1971, foi instituído no Brasil uma reforma educacional que alterou o modelo organizacional das escolas, designando o 1º e o 2º grau. O 1ª grau era composto pela unificação do primário e o ginásio, somando oito anos. O segundo constituído com três anos. Nessa época, também havia o que ficou conhecido como educação compensatória, referente à pré-escola para crianças de quatro a seis anos. Entretanto, essa modalidade não possuía propriedade formal, devido à falta de contratação de professores e à remuneração digna para a construção de um trabalho pedagógico. Somente a partir da Constituição de 1988, é estabelecida como necessária e um direito de todos, designando-a como um dever do Estado e integrada ao sistema nacional de ensino (BRASIL, 1971).

É importante descrever para o leitor o que representa a educação formal, questão que muito se discorre neste trabalho. Trata-se de uma modalidade de ensino realizado especificamente nas escolas, com conteúdo determinados. Esse tipo de ação educativa ocorre em espaço próprio e institucionalizado, seguindo um currículo, uma divisão de disciplinas, diretrizes, normas e é estabelecido por idade e por padrão de conhecimento.

A pesquisa enquadra-se no campo temático da História da Educação. Assim, o estudo objetivou analisar a educação formal em Picos-PI nas escolas que possuíam o Segundo Grau na década de 1980, visando compreender a partir de fontes imagéticas e orais, as práticas e desafios do setor educacional nesta urbe piauiense, no referido recorte temporal já mencionado. Desta maneira, pretende-se com este trabalho reconstituir uma parte do percurso da educação picoense, e assim, contribuir para a compreensão da história local, gerando novas questões e, conseqüentemente, novas pesquisas.

Acredita-se que esta pesquisa poderá proporcionar aos pesquisadores da temática uma instigação pelo conhecimento e, especialmente, no que diz respeito à educação, pois esta necessita de um olhar atento para que seja proposto e colocado em prática novas ideias e novos métodos. Além disso, poderá contribuir com o público acadêmico e a sociedade em geral no sentido de ampliar conhecimentos sobre a História da Educação Piauiense. Compreender os processos educacionais, nesse recorte temporal, auxiliará no entendimento sobre diferentes elementos constitutivos da formação social dessa região. Desse modo, o presente trabalho justifica-se, na medida em que buscou, a partir de um diálogo com as memórias de sujeitos que habitaram a cidade nesse intervalo temporal, apreender elementos ligados tanto à educação formal, quanto a outros aspectos do cotidiano desses sujeitos.

Em relação ao recorte temporal dessa pesquisa, esse período corresponde à década de 1980, visando explicar as permanências e as transformações que aconteceram na educação da sociedade picoense nessa época. Foi preferido esse extrato temporal especialmente pela circunstância de que nesse momento, ocorreu um crescimento considerável de alunos que ingressaram nas escolas que ofertavam o 2º Grau em Picos. Antes dessa década, o número de estudantes nessas instituições mantinha-se estável, somente a partir de 1984 esse cenário começa a mudar, e nos anos seguintes, ocorreu um aumento significativo de estudantes nessas instituições. Uma das razões que explicam essa efervescência, diz respeito à abolição do teste seletivo, uma espécie de exame de admissão obrigatório para que o aluno pudesse matricular-se nessas escolas.

Diante desse contexto, essa pesquisa foi guiada pelas seguintes questões norteadoras: Como se desenvolvia a educação formal, em Picos-PI, na década de 1980? Quais eram as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas escolas nesta época? Qual a importância das escolas para sociedade de Picos-PI na década de 1980? Como a implementação do ensino formal contribuiu para o desenvolvimento da cidade de Picos?

Para responder essas perguntas, privilegiou-se a aplicabilidade de fontes orais adquiridas através de entrevistas realizadas com alunos e com professores que estudaram ou

ministraram aula em escolas públicas, especificamente as que ofertavam o 2º Grau em Picos na década de 1980, e de fotografias do referido período investigado. Como também a inspeção dos estudos sobre educação de aspectos gerais e específicos do recorte espacial estudado.

A partir disso, buscou-se realizar um diálogo bibliográfico com autores nacionais e com autores piauienses, como: Maria Alveni Barros Vieira (2002), Alcebíades Costa Filho (2006), Odilon Nunes (2007), Maria Lúcia Arruda Aranha (2006), Cristiane Pinheiro (2007) e Patrick Sousa (2016) e, como aporte teórico, foram utilizados autores como Alessandro Portelli (2016), Jacques Le Goff (2003), Paul Thompson (1992), Janaina Amado (1997), Sandra Pesavento (2007), Paul Ricoeur (1997), entre outros.

Ainda no que se refere às questões de cunho metodológico, foram utilizados autores que nortearam o trato com as fontes orais. Um destes autores que serviram como base para tratar estes relatos sendo fonte é o Paul Thompson (1992) em seu texto intitulado *A voz do passado*. Para Thompson, toda fonte histórica que deriva da percepção humana é subjetiva, porém apenas a fonte oral permite-nos, enquanto pesquisadores, desafiar essa subjetividade: “descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta” (THOMPSON, 1992, p. 192).

Para além dos aspectos teóricos ligados à própria estrutura da fonte oral, Thompson concede indicativos pertinentes sobre como realizar entrevistas. Em sua narrativa, ele ressalta que é de fundamental importância do historiador se informar de maneira prévia sobre o tema da entrevista, apontando que o entrevistado pode testar a capacidade intelectual do entrevistador. Thompson aponta ainda que:

Há algumas qualidades essenciais que o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar. Quem não consegue parar de falar, nem resistir à tentação de discordar do informante, ou de lhe impor suas próprias ideias, ir obter informações que, ou são inúteis, ou positivamente enganosas. Mas a maioria das pessoas consegue aprender a entrevistar bem (THOMPSON, 1992, p. 254).

Um outro importante texto o qual foi dialogado ao longo da pesquisa, foi o do historiador Antônio Torres Montenegro (2016), em sua obra intitulada *História, Metodologia, Memória*, em que aponta caminhos para que os historiadores utilizem os relatos orais a partir de metodologias inovadoras, destacando que “[...] é necessário conhecer as condições de

produção dos relatos orais, suas estratégias e ordenamentos discursivos” (MONTENEGRO, 2016, p. 14).

Teoricamente, o trabalho foi balizado nas discussões conceituais a respeito da memória, isso se dá, em grande medida, pelas fontes históricas que foram utilizadas, com ênfase para as fontes orais. Há uma intrínseca relação entre os relatos orais e as discussões sobre memória. Bem como há inúmeros debates sobre as confluências e contradições das relações entre história e memória. Foram utilizados autores e categorias que auxiliaram na compreensão do objeto que foi proposto.

Um outro texto essencial que foi abordado durante a pesquisa se encontra no livro *História Oral como Arte da Escuta*, do historiador italiano Alessandro Portelli (2016), em especial o capítulo que trata sobre a memória, intitulado: *Memória-monumento, memória involuntária, memória perturbadora*. Nesse texto, Portelli aponta algumas importantes considerações sobre a memória que serão úteis no decorrer da pesquisa, especialmente no que se refere à memória como uma incessante busca de sentido para a existência. Os sujeitos entrevistados ao recordarem sobre a formação escolar, estabeleceram uma relação de negociação com a própria memória que vai além da vivência escolar e se desdobra em outras dimensões do cotidiano.

Jacques Le Goff (2003) em seu texto *História e Memória* foi um importante fio condutor nas discussões teóricas da pesquisa. Para Le Goff, os mecanismos de construção da memória não se dão de maneira isenta, pelo contrário, são processos carregados de intencionalidades. Os escritos de Le Goff e outros historiadores servirão como balizas teóricas para o melhor desenvolvimento da pesquisa.

O presente trabalho foi dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo, intitulado **“História, sociedade e educação: uma visão de espaço urbano e do contexto educacional da década de 1980”**, realizou-se uma análise da constituição da educação formal em Picos, e do espaço urbano picoense, a partir do panorama dos espaços físicos das escolas, com o objetivo de compreender as razões que influenciaram o cenário educacional em meados dos anos 1980, interligando o cenário nacional, estadual e local para melhor desenvolver a discussão. Desse modo, foi feita uma abordagem sobre as três escolas de Picos que ofertavam o Segundo Grau nesse período.

No segundo capítulo, intitulado **“Educação formal em Picos: história e memória a partir de fontes orais”**, nos adentramos nas fontes orais, visando compreender os desafios e as práticas do sistema educacional de Picos, a partir dos relatos de memórias de determinados sujeitos que vivenciaram este intervalo temporal.

2 HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO: UMA VISÃO DE ESPAÇO URBANO E DO CONTEXTO EDUCACIONAL DA DÉCADA DE 1980

O capítulo que será apresentado abordou acerca das escolas que ofertavam a educação formal em Picos, especificamente o 2º Grau, evidenciando a relação da educação partilhada em espaço físico, mas também em relações sociais. O contexto do ensino formal na referida urbe, apresenta-se como um cosmo em que se constitui o contexto educacional, que permite compreender não apenas as Leis, as Diretrizes e a Constituição, como também um universo local, ou seja, parte de como era a sociedade picoense naquele período. Desse modo, fez-se importante compreender a cidade como uma construção humana, e como a educação e as relações sociais que são constituídas nesses ambientes fazem parte de um produto social materializado pelos sujeitos que habitavam esse espaço-tempo.

2.1 Para além dos muros das escolas: espaço, educação e cidade

A cidade enquanto construção humana, produto social, trabalho materializado, apresenta-se enquanto formas de ocupações. O modo de ocupação de determinado lugar da cidade se dá a partir da necessidade de realização de determinada ação, seja de produzir, consumir, habitar ou viver (...). O ser humano necessita, para viver, ocupar um determinado lugar no espaço. Só que o ato em si, não é meramente ocupar uma parcela do espaço; tal ato envolve o de produzir o lugar. Essa necessidade advém do fato de se ter que suprir as condições materiais de existência do ser humano, da produção dos meios de vida. Isso varia de acordo com o desenvolvimento das forças produtivas, que trazem implícita a (re) produção dos espaços. Ao produzirem os seus meios de existência, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material. Entretanto, convém salientar que a produção da vida material do indivíduo inclui relações para além da obra de produção física, constitui um modo de vida determinado. Nesse sentido, a história tem uma dimensão espacial que emerge o cotidiano das pessoas através do modo de vida urbano. A produção espacial realiza-se no cotidiano das pessoas e aparece como forma de ocupação e/ou utilização de determinado lugar num momento específico (...). Do ponto de vista do morador, enquanto consumir, a cidade é meio de consumo coletivo (bens e serviços) para a reprodução da vida dos homens. É o *locus* da habitação e tudo o que o habitar implica na sociedade atual: escolas, assistência médica, transporte, água, luz, esgoto, telefone, atividades culturais e lazer, ócio, compras etc (CARLOS, 2007, 45-46).

De acordo com Carlos (2007) na obra *O lugar no/do mundo*, a cidade apresenta múltiplos contornos e delineamentos constituídos a partir da ação humana, amoldado pelo aspecto coletivo, e pelas/nas relações sociais, e nas ocupações incorporadas nos mais diversos

espaços. Posto isto, as apropriações dos lugares desenrolam-se alicerçadas nas demandas, exigências e premências de ocupação, realização, utilização e perpetuação. Assim, para compor essa dinâmica de apreensão, o homem produz suas instâncias de existência. Nessa conjuntura, formata-se um modo de vida estabelecido, de determinado recorte temporal, espacial e social, que se manifesta no cotidiano e no modo de viver cidadão, logo é o *locus* da habitação e isso implica habitar espaços, a exemplo das escolas.

Conforme as perspectivas de Eduardo Silva e Lucas Grimaldi (2020), no texto intitulado *As cidades e História da Educação: possibilidades de pesquisa a partir das instituições escolares*, em que eles analisam a relação entre a temática da Cidade e da Educação, que as escolas possuem uma cultura material, e esta dimensão abrange as adjacências físico-material desses locais e de seus objetos “espaços edificados e não edificados, o mobiliário, o material didático escolar, etc” (SILVA; GRIMALDI, 2020, p. 3).

Dessa maneira, os prédios dessas instituições escolares podem ser analisados em associação a cidade “a localização da escola é por si mesma uma variável decisiva do programa cultural e pedagógico comportado pelo espaço e pela arquitetura escolares”, relacionado às edificações escolares ao processo de urbanização das cidades (ESCOLANO, 2001, p. 32). Em diálogo com essas perspectivas, Levy Bencostta (2016) enfatiza acerca da importância da arquitetura e do espaço por ela determinado como portadores e transmissores de linguagens e sentidos múltiplos acerca do universo urbano.

Os autores supracitados Eduardo Silva e Lucas Grimaldi (2020) abordam uma perspectiva que interessa a discussão estabelecida nesse texto, percebem e interpretam a instituição escolar física a partir das relações dos sujeitos da escola com este edifício, assim como as redondezas desses ambientes, de tal maneira, que estabelecem uma intrínseca relação entre a História da Educação e a relação com as cidades a partir do edifício. É importante destacar que esses autores interpretam as escolas não apenas a partir da sua materialidade, mas considerando as narrativas sobre a trajetória escolar produzidas pelos alunos, as memórias relacionadas ao espaço escolar, as relações e as práticas estabelecidas:

No momento destinado a ir e vir para a escola, de como este caminho era percorrido, os lugares por onde passavam, as travessuras que aprontavam. O trajeto escolar reforça a possibilidade de compreensão da cidade a partir do edifício escolar, atentando para os seus arredores e para os caminhos percorridos pelos alunos e alunas. Há que se atentar também ao chamado vínculo da urbanização e da escolarização (SILVA; GRIMALDI, 2020, p. 5).

Para além do ponto de vista material e físico acerca da relação entre cidade, educação e escolas, em consonância com os estudos de Sandra Jatahy Pesavento (2007), entende-se que a cidade não se constitui apenas da sua materialidade, mas também de sociabilidade, sensibilidade e imaginação. A cidade representa uma obra coletiva, que concerne o tecido das tramas sociais, e as escolas como reduto de relações sociais, educacionais, econômicas, políticas e afetivas nesses lugares, então entrelaçadas com o espaço urbano. Assim,

A educação é, desde a sua gênese, objetivos e funções, um fenômeno social, estando relacionada ao contexto político, econômico, científico e cultural de uma determinada sociedade. O ato de educar é um processo constante na história de todas as sociedades, não é o mesmo em todos os tempos e lugares, e é, em sua essência, um processo social. Além disso, educação e sociedade se correlacionam porque a primeira exerce forte influência nas transformações ocorridas no âmago da segunda. A partir dessa concepção, pode-se deduzir que, embora a educação seja um processo constante na história de todas as sociedades, o processo educativo não é o mesmo em todos os tempos e em todos os lugares, e se acha vinculado ao projeto de cidadania e de sociedade que se quer ver emergir por meio desse mesmo processo (DIAS; PINTO, 2019, p. 1).

Dialogando com as concepções das autoras Érika Dias e Fátima Cunha Ferreira Pinto (2019), é possível perceber que a educação é um fenômeno social, relacionado ao contexto político, econômico, científico e cultural de uma sociedade, em um determinado recorte espacial e temporal. Na citação acima, foi ressaltado que o ato de educar é um processo constante nas histórias das sociedades, entretanto, não é o mesmo em todos os tempos e os lugares.

Desse modo, as primeiras notícias de implantação de atividade educacional formal no Piauí, na povoação de Picos, surgiram por meio do documento do início do ano de 1851, do professor público de primeiras letras da referida cidade, Joaquim Jusselino Viriato Formiga. Após isso, outro documento que revela a existência de atividades de ensino formal na urbe picoense em meados do século XIX, é o mapa de Alencastre, o qual organizava cadeiras de uma instrução primária e secundária existentes na Província do Piauí em 1854 (VIEIRA, 2002). Em Picos, havia apenas a instalação de cadeiras de primeiras letras para pessoas do sexo masculino. As pessoas que tivessem interesse em dar prosseguimento aos estudos precisavam se deslocar para outros lugares. Houve, porém, o estímulo ao esvaziamento das salas de aulas, provocado por vários fatores, dentre eles: a ausência do professor; o descaso dos poderes da província com a instrução pública, visto que não havia estrutura para acontecer as aulas que eram ministradas no local de moradia do professor e as

salas de aula que se encontravam desprovidas de móveis, livros e outros utensílios considerados indispensáveis para o bom funcionamento das aulas (VIEIRA, 2002). No fim do século XIX, em 1890, a Vila dos Picos passa a ter o título de cidade, em 1890, contudo a educação pública permanecia deficiente. As transformações político-administrativas não contribuíram muito para o avanço no sistema de ensino de Picos (VIEIRA, 2002).

De acordo com Patrick Sousa (2016), no Brasil, no ano de 1937, a História da educação ganhou ênfase em sua definição devido à criação do INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Ainda segundo este autor, a comercialização da carnaúba para o mercado internacional proporcionou uma transformação no território piauiense, como a implantação de rodovias e o desenvolvimento educacional. A comercialização desses produtos, as margens dessas rodovias, foi formando grandes centros comerciais, como as cidades. Na década de 1950, nos principais espaços urbanos do território piauiense já havia um considerável aglomerado populacional, o que favoreceu uma perspectiva de melhora no cenário educacional, pois as novas demandas por atividades exigiam mão-de-obra especializada.

Destarte, foi desencadeando também o crescimento das cidades de porte médio, como por exemplo: Floriano, Campo Maior e Picos com sua expansão na rede varejista. O contínuo desgaste das condições de vida na zona rural contribuiu para o êxodo rural da população piauienses para áreas urbanas, como por exemplo, a cidade de Picos. A população urbana do estado cresceu de maneira significativa, a expansão da rede elétrica, das estradas, dos serviços públicos, ajudou no crescimento urbano e na melhoria de vida da população e, conseqüentemente, em setores como a educação. As ações sociais em nível econômico e político foram fatores que contribuíram diretamente no cenário educacional (SOUSA, 2016).

Duas décadas depois, em 1971, foi instituído a LDB, com a Lei N°5.692 de 11 de agosto do referido ano, que fixou diretrizes e bases para o ensino do 1° e 2° Graus, assim como outras providências. Nesse período, o Brasil possuía como presidente Emílio Garrastazu Médici, que decretou e sancionou a lei com o Art 1° que determinava que o ensino de 1° e 2° Graus intencionava oferecer aos docentes a formação necessária para o desenvolvimento de suas capacidades, prepará-los para o mercado de trabalho, para que com esses auxílios os professores desenvolvessem de maneira eficaz e criativa o seu ofício de ensino-aprendizagem e a consciência da cidadania.

Na Lei de Diretrizes e Bases foi determinado que o ensino primário correspondia ao primeiro grau e o ensino médio ao segundo grau. Ambos possuíam núcleos comuns, obrigatório em âmbito nacional, e com um atendimento diversificado para solucionar as

necessidades locais específicas, assim como os planejamentos de organizações e de diversidade individuais de cada aluno. Conforme mencionado na LDB de 1971, os currículos dessas duas modalidades de ensino possuíam um núcleo comum que era obrigatório nacionalmente, mas é importante mencionar, que também detinha de uma parte diversificada atribuída conforme as necessidades de atendimento de cada local. Além disso, foi instituído a formação especial de currículo, que detinha o objetivo de sondar as aptidões e iniciação para o trabalho, no ensino de 1º grau, e de habilitação profissional, no ensino de 2º grau, que se destinava à iniciação e à habilitação profissional, em consonância com as necessidades do mercado de trabalho local ou regional (BRASIL, 1971).

Nesse período, a Lei também tornou obrigatório a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º Graus, observado quanto à primeira o disposto no Decreto-Lei n. 369, de 12 de setembro de 1969. Já o ensino religioso, de matrícula facultativa, tornou-se uma disciplina dos horários normais dos estabelecimentos oficiais de 1º e 2º Graus. Na zona rural, a instituição podia organizar os períodos letivos, com prescrição de férias nas épocas do plantio e colheita de safras, conforme plano aprovado pela competente autoridade de ensino (BRASIL, 1971).

CAPÍTULO III - Do Ensino de 2º Grau

Art. 21. O ensino de 2º grau destina-se à formação integral do adolescente.

Parágrafo único. Para ingresso no ensino de 2º grau, exigir-se-á a conclusão do ensino de 1º grau ou de estudos equivalentes.

Art. 22. O ensino de 2º grau terá três ou quatro séries anuais, conforme previsto para cada habilitação, compreendendo, pelo menos, 2.200 ou 2.900 horas de trabalho escolar efetivo, respectivamente.

Parágrafo único. Mediante aprovação dos respectivos Conselhos de Educação, os sistemas de ensino poderão admitir que, no regime de matrícula por disciplina, o aluno possa concluir em dois anos no mínimo, e cinco no máximo, os estudos correspondentes a três séries da escola de 2º grau.

Art. 23. Observado o que sobre o assunto conste da legislação própria:

a) A conclusão da 3ª série do ensino de 2º grau, ou do correspondente no regime de matrícula por disciplinas, habilitará ao prosseguimento de estudos em grau superior;

b) Os estudos correspondentes à 4ª série do ensino de 2º grau poderão, quando equivalentes, ser aproveitados em curso superior da mesma área ou de áreas afins (BRASIL, 1971).

Em relação ao 2º Grau, na época foi fixado pelo Conselho Federal de Educação além do núcleo comum, o mínimo a ser exigido em cada habilitação profissional ou conjunto de habilitações afins. Destinava-se à formação integral do adolescente, e para ingressar nessa modalidade era exigido a conclusão do ensino de 1º grau ou de estudos equivalentes. Esse segundo ensino tinha três ou quatro séries anuais, era previsto cada habilitação, compreendendo pelo menos, 2.200 ou 2.900 horas de trabalho escolar efetivo, respectivamente. Cabe mencionar, que mediante aprovação dos respectivos Conselhos de Educação, os sistemas de ensino podiam admitir que no regime de matrícula por disciplina, o aluno pudesse concluir em dois anos no mínimo, e cinco no máximo, os estudos correspondentes a três séries da escola de 2º Grau. A conclusão da 3ª série do ensino de 2º Grau ou do correspondente no regime de matrícula por disciplinas habilitava o prosseguimento de estudos em grau superior. Os estudos correspondentes à 4ª série do ensino de 2º Grau podiam quando equivalentes, ser aproveitados em curso superior da mesma área ou de áreas afins (BRASIL, 1971).

É viável destacar que havia uma pressão para que o governo realizasse essa reforma no ensino, pois com o aumento populacional e conseqüente a demanda por trabalho, surgiu a indispensabilidade de se descongestionar o sistema educacional e possibilitar a expansão do acesso à escola pública, considerando que a maior parte da população não possuía condições para pagar um ensino privado. A necessidade de mão de obra qualificada foi o argumento do governo de Emílio Médici a conceber a reforma do ensino. O Brasil vivia o chamado “milagre econômico”, com a implantação de novas indústrias e a expectativa de crescimento, desse modo, o país precisava de trabalhadores qualificados (BRIJHA, 2011).

A década de 1980 chega no Brasil como um contexto com muitos acontecimentos, que afetaram diretamente a educação no país e, conseqüentemente, o cenário educacional dos estados e cidades, como no caso do Piauí e Picos. Com a promulgação da Constituição Federal em 5 de outubro de 1988, principal símbolo do processo de redemocratização nacional, foram previstas normas para garantir direitos e deveres aos cidadãos natos ou naturalizados. Foi uma das primeiras iniciativas da retomada à democracia, após um período de ditadura. A aprovação da constituição trouxe uma série de mudanças como garantias sociais e políticas, a exemplo do direito e acesso à educação gratuita, a seguridade da assistência social, acesso à cultura, além das reformas de ordem econômicas e sociais que afetavam consideravelmente o setor educacional.

Na década de 1980, o país vivenciou uma crise econômica vivida pelo Brasil e por outros países da América Latina. Esse período de estagnação reduziu duramente a produção

industrial, aumentou a inflação, ocasionou uma baixa na produção do produto interno bruto (PIB), uma volatilidade de mercados, o aumento da desigualdade social e, conseqüentemente, ocorreu uma drástica diminuição dos investimentos públicos, isto é, afetando diretamente o setor educacional. O processo de redemocratização compreendeu os anos de 1975 a 1985, empreendeu uma série de medidas que progressivamente foram ampliando novamente as garantias individuais e a liberdade de imprensa, até culminar na eleição do primeiro presidente civil após 21 anos de ditadura militar (MARANGONI, 2012).

Com o fim do governo ditatorial, em março de 1985, foi possível perceber no país uma sensação de esperança e, ao mesmo tempo, de apreensão quanto ao futuro. Por um lado, a liberdade política era restaurada. Por outro, a crise econômica e financeira atingia a população de forma desigual, sendo mais severa para a população mais pobre e para a classe trabalhadora. Desde o ano de 1985, o Brasil vive seu mais longo período democrático. Com o processo de Redemocratização na década de 1980, as transformações da realidade brasileira e o entendimento da escola e do ensino como lugares políticos colocaram novamente a história em discussão, com suas múltiplas funções e significados, entre eles o de disciplina escolar. Nesse contexto, temas e questões presentes em discussões mais amplas sobre a Redemocratização foram incorporadas pelos participantes dos debates no ensino de História, tais como a definição ampliada de cidadania como tornar-se sujeito da própria história e a preocupação com o cotidiano do aluno (CIAMPI; CABRINI, 2003, p. 2).

Essa década foi caracterizada por intrínsecas transformações no cenário econômico nacional e internacional. O mundo do trabalho foi afetado com as sucessivas crises econômicas e as mudanças institucionais, devido a uma série de alterações nas relações trabalhistas. Ao longo da década de 1980, o Brasil enfrentou sérias dificuldades devido à crise econômica iniciada ainda nos anos setenta. Entretanto, também vale destacar que esse período foi marcado também pelo fim da ditadura (1964-1985), foram formados e firmados inúmeras entidades e partidos populares – fruto das maiores mobilizações sociais de toda a história brasileira, como se abriu uma nova fase histórica para o país, através do fim da ditadura e da promulgação da Constituição de 1988 (MARANGONI, 2012).

2.2 Educação formal em Picos: um esboço sobre as escolas que ofertavam o Segundo Grau na década de 1980

A educação é, portanto, um processo social que se enquadra numa certa concepção de mundo, concepção esta que estabelece os fins a serem atingidos pelo processo educativo em concordância com as ideias

dominantes numa dada sociedade. A educação não pode ser entendida de maneira fragmentada, ou como uma abstração válida para qualquer tempo e lugar, mas, sim, como uma prática social, situada historicamente, numa determinada realidade. (DIAS; PINTO, 2019, p.1).

As autoras Érika Dias e Fátima Cunha Ferreira Pinto analisam a educação e a sociedade como um processo social adaptado, a partir de uma compreensão de mundo. Nessa perspectiva, esse âmbito se desenvolve em consonância com as ideias dominantes da sociedade que ele está inserido. Desse modo, é importante considerar o tempo, o espaço e o sistema comunitário em uma determinada realidade, tornando-se uma questão primordial para entender a educação.

FIGURA 1: Picos na década de 1980.



FONTE: acervo IBGE.

A figura (1) acima, evidencia uma vista panorâmica da cidade de Picos. Por se tratar de um retrato antigo, não conseguimos perceber detalhadamente os ambientes presentes na fotografia. Entretanto, o que mais interessa na presente discussão é evidenciar Picos como uma cidade interiorana, de pequeno porte, ainda em formação e em processo de crescimento. É possível notar que já se tem um número considerável de casas, ruas arborizadas e calçadas. Considerando esse fragmento de tempo e espaço captado através dessa fonte imagética importante para o debate, pois partimos do pressuposto de também entender a educação e a sociedade, a partir da compreensão do *lugar*.

A partir das perspectivas da geógrafa Ana Fani Alessandri Carlos, uma metrópole não é considerada um lugar, pois as relações de proximidade são tênues. Em relação a Picos, e no

referido caso na década de 1980, pode ser compreendido como um lugar, pois tratava-se de uma cidade interiorana e de pequeno porte, as experiências vividas em seus espaços demonstravam as práticas cotidianas, as relações de vizinhança, encontro entre conhecidos, laços de identidade do eu com o outro e dos sujeitos com o lugar. Os locais habitados pelo o homem dentro da cidade estabelece o seu cotidiano e modo de vida, instituindo diferentes formas de apropriação dos espaços urbanos e estabelecendo significado a eles conforme seus usos.

De acordo com a geógrafa Anne Buttimer (1982), o lugar pode ser compreendido como um mundo vivido, e cada sujeito detém de zonas particulares, e de uma espécie de local de regresso, um ponto de referência subjetivo. “Cada pessoa está rodeada por camadas concêntricas de espaço vivido, da sala para o lar, para a vizinhança, cidade, região e para a nação” (BUTTIMER, 1982, p. 178). Em concordância com esse ponto de vista, o arquiteta e urbanista Werther Holzer (1997) evidencia que o lugar configura-se na relação do “eu” com o “outro”, em que a vida se estabelece em um palco em que copulam as histórias, as trajetórias vividas, os encontros, os outros e a nós mesmos. Nessa linha de raciocínio, a existência humana está intrinsecamente ligada ao ser-no-mundo, e esse existir consiste na relação entre o sujeito e o meio em que ele habita.

Rolzer (1997) ressalta também a ideia de identidade do lugar, em que as afinidades são reforçadas a partir da relação entre o indivíduo e a comunidade. Em diálogo com esse teórico, Buttimer (1982) identifica nessa dimensão uma relação intrínseca com a identidade cultural. “As dimensões culturais, emocionais, políticas e biológicas permitem ao indivíduo possuir redes de interações baseadas no lugar” (BUTTIMER, 1982, p.13). Essas redes constituem um fio resistente às transformações que ocorrem e/ou podem ocorrer nos ambientes, o indivíduo e/ou a comunidade ligam-se a identidade com o lugar e mantém o sentimento de pertencimento de suas referências, experiências e de suas lembranças.

O lugar seria o centro de valores indispensáveis para a nossa identidade. O lar, por exemplo, expressa a relação do indivíduo com seu lugar. Todavia, o lar é mais amplo que o objeto - casa. Essa relação entre a percepção de lar, o objeto casa e como a casa aparece em nossa consciência (valores, bem-estar, significados) é o que se chama de princípio de intencionalidade ou a intencionalidade da consciência. O indivíduo pode residir numa casa por longo período, mas não criar vínculos com o lugar. O mesmo ocorre com aqueles indivíduos que mudam para outra cidade, mas guardam o sentimento de pertencimento com a anterior. A experiência necessita de tempo, mas ele não é o único elemento. A estabilidade, concebida como uma pausa no movimento, possibilita a convivência por um determinado tempo com o

lugar. A identidade e a estabilidade seriam as características centrais dos lugares (SANTOS, 2003, p.41).

Desse modo, o lugar existe a partir da relação com os elementos que coabitam nessa esfera, pois é determinado a partir de um arranjo de ações e objetos com causalidade e efeito, “o lugar seria a base da reprodução da vida, podendo ser analisado pela tríade habitante-lugar-identidade” (SANTOS, 2003, p. 97).

Dessa maneira, como indica Ana Fani Alessandri Carlos (2007), é fundamental considerar o lugar como palco dos acontecimentos pela sua dimensão real, prática, sensível e concreta. Além disso, considerá-lo como uma construção tecida por relações sociais no espaço vivido, garantindo uma rede de significações e sentidos e articulada à prática cotidiana. Em relação a atribuição de sentidos a determinado lugar, Castells (2000) enfatiza que a identidade corresponde a uma ação compositora de significados, e esse dinamismo está articulado com as relações de poder, podendo ocorrer por instituições dominantes, a exemplo da igreja.

A arquiteta e urbanista brasileira Raquel Rolnik (1995) indica que a cidade é inicialmente um ímã, antes mesmo de se tornar local permanente de trabalho e moradia, pois ela atrai pessoas. Todavia, a cidade por si só não exerce esse papel, o espaço urbano é dividido em tantos outros atrativos, como o templo religioso, o mercado, e podemos adicionar a esse painel, as escolas. Nesse caso, podemos considerar essas estruturas como um campo magnético, “que atrai, reúne e concentra os homens” (ROLNIK, 1995, p. 12). A autora faz essa analogia e a relaciona com a religiosidade, com a sedentarização e com a organização urbano-política.

Picos como a maioria das cidades brasileiras/piauienses tem sua história acompanhada pela forte religiosidade. O documentário produzido na *Exposição de aniversário de 129 anos de história Picos* (2019) evidenciou que a família Borges Leal foi pioneira na habitação desse espaço. Os membros dessa parentela foram atraídos pela fertilidade das terras em torno do Rio Guaribas e logo se instalaram nessa região, e em seguida, ergueram a capela de São José de Botas por volta dos anos de 1830. Desse modo, foi se formando o povoado de Picos, antes conhecido como Retiro do Curralinho e Fazenda Pico. Vinte anos depois, foi proclamado como padroeira da cidade, Nossa Senhora dos Remédios, e construída uma igreja em sua homenagem pelo padre José Antônio Pereira Ibiapina. Nessa conjuntura, Picos começa a atravessar um crescimento vertiginoso, sendo elevado à categoria de cidade em 1890, e no mesmo ano, Clementino de Sousa Martins toma posse como prefeito do município. Assim,

percebe-se que o espaço urbano picoense pode ser compreendido a partir das perspectivas de Sandra Pesavento (2007), pois:

A cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do ‘habitar’, e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido do ‘humano’: cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais. (PESAVENTO, 2007, p. 14).

Ainda de acordo com o documentário produzido na *Exposição de aniversário de 129 anos de história Picos* (2019), ao longo dos anos, Picos foi crescendo, e ainda no começo do século XX, a cidade passou por muitos avanços e melhorias. Por exemplo, a chegada do telégrafo, a ordenação do primeiro Código de Postura do município e, em 1904, os municípios passaram a utilizar o querosene para iluminação doméstica e pública. No ano de 1910, surgiu o primeiro jornal e três anos depois, outro periódico, intitulado *O Rebate* e, a banda de música Primavera. Uma década depois ocorreu uma grande enchente, entretanto, apesar disso, Picos adquiriu luz elétrica no dia 15 de agosto de 1928 e, após um ano, foi fundado o Grupo Escolar Coelho Rodrigues, que promoveu a vinda dos primeiros professores formados à urbe. Em 1930, Picos vivenciou uma grande seca, e surgiu sua primeira rua larga denominada de Coriolano de Carvalho, chamada atualmente de Avenida Getúlio Vargas. O grupo escolar mencionado anteriormente passou a funcionar como o primeiro prédio de escola pública, localizado na Praça Josino Ferreira, onde atualmente localiza-se o Museu Ozildo Albano.

Na década de 1940, mais precisamente em 10 de janeiro de 1942 foi inaugurado a Praça Félix Pacheco. Vinte anos depois, foi criada a ENOP (Escola Normal Oficial de Picos). Na década de 1970, o município atravessou um avanço considerável, sobretudo no cenário educacional, ocorreu a inauguração das instituições a Unidade Escolar Polivalente Desembargador Vidal de Freitas e o Colégio Estadual Marcos Parente. É importante destacar, que de acordo com o documentário produzido na *Exposição de aniversário de 129 anos de história Picos* (2019), a inauguração da escola Marcos Parente nos anos 1970 tratou-se de suas novas instalações, ou seja, a mudança de local de funcionamento, pois o colégio foi instalado na cidade em 1949, contudo não funcionava em prédio próprio, mas sim no espaço onde era o antigo Museu Ozildo Albano. Na década de 1980, nasceu uma cidade universitária,

com a instalação de um polo da Universidade Federal do Piauí em 1982 com a oferta de cinco cursos de licenciaturas curtas.

De acordo com a autora Cristiane Feitosa Pinheiro (2007), a comunidade de Picos e da sua macrorregião desejou ter uma escola formadora de professores primários e, conseqüentemente, atender às escolas existentes, e que pudessem substituir gradativamente a mão-de-obra leiga que existia em grande número naquele período. Dessa maneira, no dia 05 de março de 1967, foi instalada no município picoense a Escola Normal Oficial de Picos criada em conformidade com a Lei Estadual nº 2781, de 02 de março de 1967, em seis artigos, e ratificada através da Resolução nº 4/67, de 04 de março de 1967, do Conselho Estadual de Educação. Porém, como menciona a autora, quando instituída na lei, a escola não possuía prédio próprio, a sessão solene de sua inauguração ocorreu no auditório do Colégio Estadual Marcos Parente. Essa instituição passou a atuar com a mesma organização curricular aplicada às demais escolas normais do Piauí, através de orientação constante do parecer de 24 de setembro de 1965 do Conselho Estadual de Educação e o mesmo tipo de contratação de pessoal dos demais funcionários estaduais.

Como já mencionado anteriormente, o país atravessou um processo vertiginoso de necessidade de mão-de-obra para atuar no mercado de trabalho e Picos não estava disperso desse cenário, e também vivia um momento de expansão da rede pública escolar. Segundo a autora Cristiane Feitosa, a ENOP, com a função de formar professores, assumiu um papel importante para a cidade durante esse período.

A Escola Normal Oficial de Picos era um celeiro de formação de professores, “a grande sementeira de mestres”, como ficou conhecida através de seu tema central, mas um lugar onde assuntos políticos de dimensão como o que aqui se tematiza não tinha espaço. A pretensão da instituição era capacitar as normalistas a serem boas professoras primárias, e isso se restringia à aquisição de conhecimentos e saberes voltados para as atividades pedagógicas, e não para atividades políticas. Era o discurso oficial encontrando guarida em uma de suas instituições. Com o quadro de profissionais contratado, pôde-se dar início efetivamente às atividades pedagógicas da ENOP, mesmo sem possuir prédio próprio para receber alunos, professores e funcionários (PINHEIRO, 2007, p. 77).

Dessa maneira, com a disposição de encarregar-se de contribuir com a expansão do ensino, a Escola Normal Oficial de Picos teve a sua instalação efetivada, e desse modo, possuía demanda local de alunos para iniciarem as aulas. O Colégio Estadual Marcos Parente, que na época localizava-se na rua Monsenhor Hipólito, cedeu o espaço para que as aulas pudessem acontecer e os serviços administrativos pudessem ser realizados. Como ressalta a

autora Cristiane Feitosa Pinheiro, futuramente os alunos que estudavam nessa escola, seriam os professores que lecionariam na mesma instituição.

Com a conclusão do prédio próprio, sediado na rua Santo Antônio, 137, centro de Picos, anexo ao Fórum, a Escola Normal Oficial de Picos passou a viver seu período de estruturação e consolidação. Inovação para a arquitetura local, o novo prédio escolar de Picos trouxe as marcas da modernidade: prédio amplo e construído com um andar superior, possuía oito salas de aula no primeiro andar, uma diretoria, uma secretaria, uma biblioteca, uma sala dos professores, uma sala de visitas, um depósito, banheiros, além da escada que servia de acesso ao pavilhão superior e de posto de observação das normalistas. Afora isso, amplo pátio no térreo para o recreio, duas salas de aula e portão na entrada para proibir a saída das alunas (PINHEIRO, 2007, p. 81).

Conforme indica Pinheiro (2007), a Escola Normal Oficial de Picos não possuía espaço suficiente para atender à demanda, desse modo, para ingressar na instituição o aluno passava por um teste seletivo composto pelas seguintes disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e Conhecimentos Gerais. O exame era classificatório, além disso, o candidato precisava preencher o requerimento de matrícula que necessitava apenas da apresentação da certidão de nascimento. Em meados dos anos 1980, o teste seletivo foi abolido. A ENOP que timidamente recepcionou 80 alunas no seu primeiro ano de funcionamento, em 1987 dispunha de um contingente estudantil de 1.123 normalistas matriculadas (PINHEIRO, 2007).

FIGURA 2: Unidade Escolar Polivalente Desembargador Vidal de Freitas (Década de 1980)



FONTE: Página Picos das Antigas.

A figura (2) retrata uma das escolas que ofertavam o 2º Grau em Picos na década de 1980, sendo essa a Unidade Escolar Polivalente Desembargador Vidal de Freitas, os dois prédios presentes na imagem correspondem à estrutura física dessa instituição escolar. Conforme podemos visualizar na fotografia, embora tivesse uma edificação arquitetônica moderna para a época, com moldes quadrangulares e segmentados, ainda se localizava em uma área com aspectos rurais. Isso se dava em razão de que na década de 1980 Picos passava por um processo de crescimento, e como não foi datado com precisão o ano em que esse registro foi feito, acreditamos que nesse ano a urbe ainda não havia passado por um processo de urbanização profundo. Além dela, também ofertavam essa modalidade de ensino o Colégio Estadual Marcos Parente (CEMP) e a Escola Normal Oficial de Picos. Dessas três instituições, a primeira a funcionar foi o CEMP, sua história começa ainda no final da década de 1940. A escola Vidal de Freitas foi inaugurada em 1973 e a ENOP em 1967. De acordo com Higo Carlos Meneses de Sousa (2021), a inauguração da nova sede do Colégio Estadual Marcos Parente em 1970 e do Polivalente Vidal de Freitas em 1973 aumentou significativamente o tráfego de alunos, professores e demais habitantes da área central da cidade em direção a uma região até então isolada, atual bairro Bomba. Após as instalações das escolas, algumas construções residenciais e comerciais começaram a se instalar nos arredores dessas instituições.

Desse modo, como enfatiza Higo Meneses, na década de 1970, antes da construção das escolas no referido bairro, a área era consideravelmente isolada, o que nos leva compreender que o Colégio Marcos Parente e o Vidal de Freitas tiveram influência significativa na alteração do cenário de isolamento dos anos 70 para o cenário visto na fotografia acima na década de 1980 já bem ocupado.

FIGURA 3: Passarela de Picos no ano de 1981



FONTE: Página Picos das Antigas.

A figura (3) retrata a passarela de Picos construída na gestão do prefeito José Nunes de Barros (1973-1977), bem próxima às escolas Colégio Estadual Marcos Parente (CEMP), e Unidade Escolar Polivalente Desembargador Vidal de Freitas. Como mencionado anteriormente pelo historiador Higo Meneses de Sousa (2021), com a construção das escolas o tráfego de alunos aumentou, e desse modo, com o desígnio de evitar acidentes de trânsito foi construída uma passarela sobre a BR 230/316 (SOUSA, 2021). Higo Meneses ressalta ainda, que há relatos de que na época a construção da passarela era para ter início na saída do Colégio Marcos Parente e se estender ao lado da Igrejinha do Sagrado Coração de Jesus, entretanto, por motivações que o autor desconhece a trajetória da obra foi encurtada.

Todas elas foram a pé, minha mãe não tinha condição de dá bicicleta para a gente não, mas a maior distância era do ginásio do Vidal de Freitas e no Marcos Parente, porque eu morava ali na Rua 3 de maio por trás da Rua Josino Ferreira certo, onde fica o museu, e eu estudava na [no bairro] Bomba, que na época era uma complicação para passar esse balão, foi quando fizeram esse viaduto por conta do grande fluxo de alunos né, não tinha transporte. Esse viaduto que hoje é pra ser demolido ele serviu muito naquela época para que a gente fizesse essa travessia de casa para o outro lado do ginásio né, transporte não existia transporte escolar, pelo menos do meu conhecimento não existia transporte escolar (Francisca Darc Cardoso, 2022).

O relato acima da entrevistada Francisca Darc Cardoso que foi aluna e professora dessas escolas, reforça a importância da construção da passarela para o tráfego de pedestres

naquele período. Ao relembrar sobre as condições de transporte que dispunha, menciona que não possuía transporte para sua locomoção, e desse modo sempre ia “a pé” para a escola. Lembra ainda que havia uma distância considerável da sua casa para a escola Vidal de Freitas e Marcos Parente, e que era uma dificuldade atravessar o balão (rotatória), mas a construção do viaduto (a passarela mencionada anteriormente) ajudou significativamente a locomoção dos alunos para as escolas.

FIGURA 4: Inauguração da atual sede do Colégio Estadual Marcos Parente em 1970.



FONTE: Página Picos das Antigas.

De acordo com o *Documentário 70 anos do Marcos Parente*, o Colégio Estadual Marcos Parente foi construído na década de 1960 quando o estado do Piauí era governado por José Dário dos Santos. A instalação dessa rede de ensino foi concluída em 1967, época em que o Piauí já era governado por outro político, Hamilton Nogueira. A figura (4) demonstra o momento em que foi inaugurado o prédio físico da escola. Pode-se perceber, que havia inúmeras pessoas presenciando o evento. A construção desse espaço escolar era considerada um avanço para a cidade e para a educação local.

FIGURA 5: Prédio do Colégio Marcos Parente visto pela frente (década de 1980).



FONTE: Página Picos das Antigas

FIGURA 6: Prédio do Colégio Marcos Parente visto pelos fundos (década de 1980).



FONTE: Página Picos das Antigas

As figuras (5) e (6) demonstram a nova instalação do Marcos Parente construída na década de 1970, estrutura que funciona a escola até os dias atuais. As figuras acima retratam o Prédio do Marcos Parente na década de 1980. O *Documentário 70 anos do Marcos Parente* evidencia ainda que a história do Ginásio do Marcos Parente começou no final dos anos 1940,

essa instituição foi produto de uma expansão de escolas de ensino secundário que estavam acontecendo no país e aconteceu inclusive no Piauí.

A cidade de Picos de acordo com o censo do IBGE de 1940 tinha em torno de 2.000 habitantes, era um espaço urbano com pequeno porte, possuía uma extensão territorial grande, mas a população urbana era pequena. Com a chegada da BR 024 em 1945, que hoje corresponde a BR 230, o município passou gradativamente a crescer. Em 1950, Picos já tinha uma população urbana de mais de 4.000 mil pessoas, um aumento de quase 100% comparado ao censo de 1940. Dessa forma, a elite local passou a reivindicar um estabelecimento de ensino secundário no qual os picoenses pudessem dar continuidade aos seus estudos. Para que isso acontecesse, houve uma grande mobilização das pessoas das cidades, dos comerciantes, inclusive foi montada uma comissão central, chefiada por Dr. Fonseca que era o dentista da cidade, para que esse ginásio pudesse funcionar.

Ainda como enfatiza o *Documentário 70 anos do Marcos Parente*, nesse período (1950) o Marcos Parente funcionava onde atualmente reside o Museu Ozildo Albano, pela manhã atuava o grupo escolar Coelho Rodrigues,¹ e a tarde o ginásio Marcos Parente,² tendo como seu primeiro diretor, Dr. Vidal de Freitas que atuou por algum tempo nesse local, posteriormente o Coelho Rodrigues foi aumentando o número dos alunos, e desse modo, o Marcos Parente passou a operar na Rua Monsenhor Hipólito, em 3 casas que ficam em frente ao Picoense Clube, local onde hoje funciona o Conselho Tutelar. Em 1960, foi inaugurado o prédio, onde funcionou o Marcos Parente até a década de 1970, onde era a antiga nona GRE (Gerência Regional de Educação do Estado do Piauí).

¹ O grupo escolar na década de 1980 integra um modelo de instituição de ensino, caracterizado por um agrupamento de escolas. Ou seja, em um mesmo espaço era reunido mais de uma escola. A exemplo do grupo escolar Coelho Rodrigues, que comportava nas suas estruturas físicas a escola Coelho Rodrigues e em outro turno a escola Marcos Parente. Muitas vezes a construção e manutenção era dos estados, ou das prefeituras municipais.

² O ginásio corresponde o estágio educacional que se seguia ao ensino primário e que antecedia o ensino médio. Corresponhia aos quatro anos finais do atual ensino fundamental. Para ascender ao ensino ginasial, era necessária a realização de um exame de admissão, depois de finalizado o ensino primário. O ginásio tinha uma duração de quatro anos, findos os quais, o aluno poderia aceder ao colégio, que constituía o terceiro ciclo de estudos. Em 1971, o ginásio foi fundido com o ensino primário, dando origem ao ensino de 1º grau.

3 EDUCAÇÃO FORMAL EM PICOS: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE ALUNOS E PROFESSORES

O presente capítulo foi realizado a partir da elaboração de um diagnóstico sobre a educação formal em Picos na década de 1980, através da realização de algumas entrevistas com sujeitos que vivenciaram o recorte temporal por nós investigado. Assim, o capítulo foi dividido em duas partes, a primeira intitulada “**Os relatos orais como fontes históricas**”, pois acreditamos ser importante essa discussão, em que será apresentado o tipo de relatos orais em que foram analisados no tópico seguinte, e como teoricamente e metodologicamente foi desenvolvido as entrevistas, método de busca e elaboração dessas fontes. Na segunda parte, intitulada “**Nos rastros dos relatos: desafios e práticas da educação em Picos nos anos 1980**”, através dos relatos evidenciados pelos alunos e professores que estudaram nas escolas que ofertavam o Segundo Grau em Picos na década de 1980, analisamos e compreendemos os fragmentos de memórias em que formatam parte de como era o cotidiano desses sujeitos, suas relações, práticas e vivências realizadas nesses espaços educacionais.

3.1 Os relatos orais como fontes históricas

Quando nos propomos ao desafio de investigar como se dava os processos educacionais em Picos-PI, em meados dos anos 1980, o primeiro obstáculo que nos surgiu foi referente às fontes históricas que nos permitiriam ter um contato com esse contexto. Na medida que, apesar dos avanços que já estavam presentes no cotidiano de homens e mulheres do Piauí e das regiões interioranas do Estado, como alguns jornais, TVs e rádios, no que se referia esse tema, as fontes históricas eram escassas. Contudo, não desanimamos, pelo contrário, enxergamos nisso uma possibilidade de analisarmos esse objeto a partir de uma ótica distinta e, para isso, entramos em contato com a metodologia da História Oral.

De antemão, reconhecemos e destacamos os desafios de se trabalhar com relatos orais que, a partir do trabalho do historiador, se transformam em fontes históricas. A metodologia da história oral é complexa, pois lida com as memórias dos sujeitos, e não apenas isso, lida com a construção dessas memórias a partir do processo de entrevistas. Mas esse trabalho da memória permitiu que obtivéssemos informações que em nenhuma outra fonte histórica seria possível. Paul Thompson (1992), em sua obra que tem como título *A Voz do Passado: História Oral*, em especial no capítulo 5, intitulado *A memória e o eu*, indica que todas as fontes orais são subjetivas. E esse aspecto é crucial para o desenvolvimento de nosso trabalho, principalmente no que partem de uma perspectiva subjetiva, particular do sujeito, sobre suas

próprias vivências e experiências em determinado momento de suas próprias histórias. O trabalho do historiador é juntar as diferentes entrevistas com outras fontes históricas e construir uma narrativa, um enredo que permita assim, que compreendamos um determinado período da história de nossa cidade e de nosso Estado.

Se refere a possíveis críticas, que as pesquisas que têm os relatos orais como principais fontes recebem, sobre o caráter subjetivo da oralidade. Indicamos que, a partir das leituras de diferentes pesquisadores, todas as fontes históricas contam com um caráter de subjetividade. Reconhecemos, claramente, as adversidades em se trabalhar com essas fontes, mas também defendemos a importância delas nas construções de pesquisas históricas em que não há outras fontes, inviabilizando assim diversos temas, bem como contribuindo para um silenciamento de diferentes grupos sociais, o que não é nosso dever enquanto historiadores em formação.

Thompson (1992) indica que os historiadores que se voltam para as fontes orais precisam ter uma sensibilidade histórica ao poder da emoção, do desejo, da rejeição e imitação inconsciente, como parte integrante da estrutura da vida social. Em qualquer tema que os historiadores possam investigar, com ênfase para as fontes orais, é necessário ter uma sensibilidade para buscar perceber as emoções, os desejos e todos outros elementos que compõem as estruturas da vida social, isso também serve para o caso da *história da educação*, o nosso campo temático nesse trabalho. É importante que percebamos como estes sujeitos lidam com as suas próprias memórias ao voltarem no tempo, ao menos em suas imaginações, e se recordarem de seu cotidiano no interior da cidade, nos caminhos para a escola, nas formas da educação, no convívio escolar e assim sucessivamente. É com essa sensibilidade do pesquisador que podemos obter diferentes perspectivas sobre as entrevistas.

Sobre as entrevistas, foi esse o modo que obtivemos a maior parte de nossas fontes orais. A partir de diferentes sujeitos que se propuseram a colaborar com nossa pesquisa, percebemos o quanto uma organização desse método permite que alcancemos melhores resultados. Thompson (1992) indica que para a realização desse tipo de interlocução é indispensável um método, uma organização, até porque, em última instância, toda pesquisa tem um caráter exploratório.

O historiador Paul Thomson indica, em sua narrativa, que se caracteriza enquanto indispensável aos pesquisadores que se propõem a trabalhar com os relatos orais através da metodologia da história oral, a preparação na hora da montagem das entrevistas, de preferência com a leitura sobre o tema o qual se irá perguntar aos entrevistados. É crucial que o pesquisador se cerque de informações a respeito da temática que está sendo investigada, na medida em que se faz necessário explorar as diferentes possibilidades de colher dados que

possam enriquecer o levantamento documental e, conseqüentemente, a pesquisa em andamento.

Thompson (1992) ressalta que é crucial os pesquisadores demonstrarem interesse ao entrevistar os sujeitos que farão parte do projeto, assim como que há qualidades essenciais que permitem que o entrevistador seja bem sucedido em suas metas. Entre essas qualidades, está a capacidade de demonstrar compreensão e simpatia, no que se refere à opinião dos sujeitos que estão concedendo as entrevistas. São as memórias destes sujeitos que estão em jogo e existe ali um processo de construção individual destas lembranças. Mesmo que essas respostas não pareçam servir ao pesquisador naquele momento, é necessária esta sensibilidade. Acima de tudo, segue destacando Thompson, o pesquisador não poder impor suas próprias opiniões e ideias, ou discordar do entrevistado.

A entrevista em história oral não é um diálogo ou uma conversa; tudo o que interessa é fazer o informante falar. [...], Mas em geral você não deve fazer mais perguntas do que o necessário, de um modo claro, simples, e sem pressa. Mantenha o informante relaxado e confiante. Acima de tudo, nunca interrompa uma narrativa (THOMPSON, 1992, p. 254).

Sintetizando, o aspecto central que deve ser levado em consideração, ao nos debruçarmos sobre os relatos orais, é uma atitude ética diante da construção do trabalho, de transformar esses arquivos sonoros em fontes para um trabalho historiográfico. Esse aspecto ético nos leva a um outro importante diálogo com a historiografia que versa sobre essa temática. De forma mais específica, o texto da historiadora brasileira Janaina Amado (1997) que tem como título: *A culpa nossa de cada dia: Ética e história oral*, defende que existe “[...] a dimensão ética que perpassa o trabalho de todos os historiadores, inclusive dos que trabalham apenas com fontes escritas” (AMADO, 1997, p. 2). Assim sendo, não apenas os historiadores orais devem se preocupar com a dimensão ética no nosso ofício, mas todos os historiadores.

3.2 Nos rastros dos relatos: desafios e práticas da educação em Picos nos anos 1980

Meu nome é João Marques Rufino, e eu nasci no povoado Coroatá, distante a 18 quilômetros aqui da sede do município e comecei o meus estudos lá no interior, aquela época a gente só começava a estudar lá só aos sete anos de idade, fiz os meus primeiros anos no interior, depois foi que vim estudar na cidade, já a partir da quinta série como a gente chamava naqueles anos, e estudava e na época das férias eu sempre voltava para o interior pra ajudar os

meus pais naquela labuta diária da roça, ajudando a olhar o gado, botar água pra o gado, ajudava em diversos fatores ajudava o meu pai na roça e na época das aulas eu voltava pra cidade para continuar os estudos na cidade (João Marques Rufino, 2022).

Na narrativa oral destacada acima, João Marques Rufino (2022)³ concedeu importantes indícios para termos uma compreensão sobre o contexto educacional daquele período, em que as dificuldades dos homens e das mulheres pobres em ter acesso à educação eram enormes. Ele começa destacando que nasceu em um povoado a cerca de 18 quilômetros da cidade de Picos. Como boa parte da população picoense e piauiense, neste recorte temporal, ele era mais um brasileiro que habitava as zonas rurais. Essa distância da sede do município dificultava sobremaneira o acesso à educação escolarizada. Esse aspecto indicado por João Marques Rufino reforça um entendimento já ressaltado anteriormente: a educação possuía um caráter secundário no contexto de boa parte destes sujeitos, já que a maioria deles vivenciava um cotidiano predominantemente rural e, a educação formal, que era oferecida naquele momento, era esvaziada de sentido para grande parte destes sujeitos.

Tem-se consciência de que a história tem um movimento dialético em que há *rupturas* e *continuidades*. Na década de 1980, a partir dos relatos do João Marques Rufino (2022), é possível captarmos uma dessas *continuidades* que são inerentes a história, em especial, no referido caso, na história da educação em Picos: mesmo após tantas décadas, inúmeros alunos e famílias não conseguiam perceber os valores da educação, já que para a realidade em que os mesmos estavam inseridos, que era um contexto principalmente de trabalhos ligados ao campo, à agricultura, aquele ensino não parecia fazer muito sentido. O entrevistado indica que estudou os primeiros anos na escola da zona rural e que somente depois veio para cidade completar seus estudos. No fim da primeira resposta, o depoente ressalta que mesmo vindo para a cidade a vivência dele e de sua família sempre que podia era na roça, ajudando seus pais naquela labuta, olhando o gado e auxiliando no trabalho de roça.

Um outro elemento que é cabível de destaque, é exatamente uma outra *continuidade* – a dificuldade de acesso à educação. A narrativa de João Marques Rufino (2022) permite compreender que o acesso à educação básica não era um direito acessível a todos, em especial, no recorte temporal e espacial, o qual a presente pesquisa tem sido desenvolvida.

³ João Marques Rufino. Idade: 57 anos. Data de nascimento: 01/08/1966. Profissão: servidor público. Nasceu no povoado Corotá, localizado a 18 quilômetros de Picos, natural de Picos, reside na cidade desde quando nasceu. Foi escolhida para participar dessa pesquisa e ser entrevistado pois estudou no Colégio Estadual Marcos Parente, no Petrônio Portela e também na Unidade Escolar Desembargador Vidal de Freitas.

Então, ressaltamos uma vez mais a percepção desta *continuidade* em uma perspectiva histórica em longa duração.

Voltando de forma mais específica ao nosso recorte temporal e espacial, os enunciados do nosso entrevistado permitem que possamos conhecer um pouco mais da realidade educacional naquele período da história de Picos, bem como de outros aspectos desta urbe. Na continuidade da entrevista, com o senhor João Marques Rufino, ele destacou que:

A maioria dos pais da minha época eles queriam era que os filhos trabalhassem, seguissem outra carreira, estudar eram poucos que se dedicavam ao estudo, porque não tinha aquele apoio dos pais, os pais queriam mais era que os filhos trabalhassem, que ajudassem os pais no dia a dia. Nessa época de 80 quando eu comecei a estudar no meu ginásio eu já comecei a trabalhar para ajudar nos meus estudos (João Marques Rufino, 2022).

Esses aspectos apresentados na entrevista do senhor João Marques Rufino, colocam em destaque uma vez mais um dos elementos que foram elencados no decorrer do primeiro capítulo desta monografia, em que apresentamos características que impediam um maior desenvolvimento educacional na cidade de Picos. Ter a maior parte de seus habitantes residindo nas zonas rurais, faziam com que as famílias e os próprios estudantes não percebessem os valores que os estudos poderiam oferecer. Pelo contrário, havia inclusive, presente no imaginário destes sujeitos, uma certa resistência a ideia de colocar os filhos nas escolas. Pois, naquele contexto de períodos mais recuados na história, os pais enxergavam que enviar os filhos para as zonas urbanas, para estudar, poderia significar uma mão de obra a menos na roça.

Exatamente nesse ponto estabelecemos uma correlação com o fragmento da entrevista citada anteriormente. Nas memórias lembradas e compartilhadas a nós através da oralidade, o senhor João Marques Rufino indica que na década de 1980, ainda havia uma *permanência* de uma vivência que fazia referências com décadas anteriores: o desejo por parte dos pais, que os filhos voltassem a sua atenção para o mundo do trabalho e não para a educação escolar.

Ao lembrar o período em que esteve na escola, na cidade de Picos, o senhor João Marques Rufino destaca que era comum para a maioria dos pais de sua época o desejo que seus filhos se voltassem para o trabalho e não necessariamente para a sala de aula. E em sua própria trajetória de vida ele recorda que começou a trabalhar e estudar de forma concomitante. Este aspecto, em nossa maneira de ver, é relevante para as análises das quais temos buscado realizar ao longo deste capítulo. É possível indicar, a partir do diálogo com a

historiografia e das primeiras fontes consultadas que para se entender o cenário educacional em Picos, no recorte temporal por nós investigado, é necessário antes levar em consideração o contexto do mundo do trabalho em que os jovens precisavam adentrar para auxiliar as suas respectivas famílias no que se referia a subsistência.

A minha [mãe] ela sempre teve muita preocupação em nos dá estudo, ela não aceitava que a gente trabalhasse né, eu comecei a trabalhar quando eu fui fazer a Escola Normal, o ensino médio, o segundo grau na época, foi quando ela adoeceu e não tinha mais condição de bancar os estudos da gente e aí eu fui trabalhar, comecei a trabalhar na Pinguim Refrigeração, foi meu primeiro emprego né, eu trabalhava de dia e estudava a noite, mas minha mãe ela sempre priorizou muito a educação dos filhos, ela achava que a educação era tudo e que precisava a gente realmente entender que precisava estudar mesmo, e ela se esforçava, ela participava das reuniões, ela fazia de tudo pra dá o material da gente, pra que a gente pudesse estudar com qualidade, mas isso não era via de regra não, não era geral não, mais os pais não tinham muito essa preocupação não, se os filhos quisessem estudar bem se não (Francisca Darc Cardoso do Nascimento, 2022).

A narrativa oral da senhora Francisca Darc Cardoso do Nascimento (2022)⁴ é cercada de inúmeros detalhes que nos são bastante úteis para que possamos ter uma outra compreensão sobre o cenário educacional em Picos no recorte temporal analisado. É importante de maneira prévia destacarmos que cada personagem tem a sua própria vivência, assim como, cada sujeito tem a sua própria negociação com as memórias de determinadas temporalidades. No que se referia, por exemplo, a preocupação dos pais com os estudos ou o trabalho de seus filhos, enquanto para os pais de João Marques Rufino, a educação não possuía um caráter primordial, para a mãe da entrevistada Francisca Darc possuía uma importância considerável.

Essas duas perspectivas nos levam a entender um cenário que era muito recorrente no período, o acesso à educação pelos moradores que residiam nas localidades rurais era mais laborioso, isso se dava em grande medida pela dificuldade de locomoção até a zona urbana. Além disso, porque sobretudo os residentes da zona rural, e em especial para os pais desses

⁴ Francisca Darc Cardoso do Nascimento. Idade: 55 anos. Data de nascimento: 21/09/1968. Profissão: professora. É natural de Picos, reside na cidade desde quando nasceu. Foi escolhida para participar dessa pesquisa e ser entrevistada pois estudou o ensino fundamental na escola Unidade Escolar Desembargador Vidal de Freitas e fez o pedagógico na Escola Normal Oficial de Picos. Além de aluna também atuou como professora na Escola Normal Oficial de Picos, também foi professora na Universidade Federal do Piauí em Picos por 5 vezes como substituta, e 4 vezes na Universidade Estadual, e também no Instituto Federal do Piauí.

alunos, a educação não era dotada de sentido de sustentação e subsistência, e sim o trabalho, que naquele período a maioria era de forma informal e sem formação institucional.

Na narrativa da professora Francisca Darc, ela ressaltou que a educação sempre fora uma preocupação por parte de sua família. E que durante o seu ensino primário ela não tivera a preocupação em adentrar no mundo do trabalho. Porém, logo em sequência de sua entrevista, recorda que só começou a trabalhar durante o Segundo Grau, um dado que reforça, por exemplo, a narrativa do senhor Rufino, analisada anteriormente. Colocando em perspectiva, podemos observar que mesmo nas famílias em que havia uma preocupação com a realidade educacional dos filhos – como era o caso da família da professora Francisca Darc Cardoso Nascimento – a realidade objetiva (pouca renda e alto custo de vida) acabava contribuindo para que muitos jovens, incluindo ela, entrassem no mundo do trabalho.

Eu vivi em uma comunidade que os pais sempre quiseram que os filhos estudassem, sempre, é lógico que tem as exceções né, mas noventa e cinco por cento sempre quis e hoje é cem por cento que quer que os filhos estudem, hoje os pais só querem que os filhos estudem, que os filhos se deem bem na vida, que os filhos cresçam, se desenvolvam, sirvam bem, essas coisas assim de primeiro não eram diferentes (Rita de Cássia dos Santos Silva, 2022).

De acordo com a entrevistada Rita de Cássia dos Santos Silva (2022),⁵ na comunidade em que ela estava inserida, os pais desejavam que os filhos estudassem, mas ela resalta que deveria haver as exceções. Desse modo, como moradora do espaço urbano talvez tivesse o acesso à educação mais facilitado do que João Marques Rufino, natural da zona rural. Segundo os relatos de Silva, as escolas que realizou seus estudos eram próximas da sua residência, a que possuía uma distância mais acentuada era a Escola Normal Oficial de Picos, instituição onde concluiu seus estudos em 1984.

No ano seguinte, Rita de Cássia participou de um concurso e foi aprovada, sendo convocada em 1986. A partir da sua aprovação lecionou na escola Dirceu Arcoverde em outra cidade a qual na entrevista não especificou. Foi transferida para Picos e trabalhou no Miguel Lidiano, Petrônio Portela, Escola Normal Oficial de Picos, Premem (escola técnica), no

⁵ Rita de Cássia dos Santos Silva. Idade: 62 anos. Data de nascimento: 03/12/1961. Profissão: professora. É natural de Picos, reside na cidade desde quando nasceu. Foi escolhida para participar dessa pesquisa e ser entrevistada pois foi aluna e professora das escolas abordadas no presente estudo. Realizou o curso primário fundamental na Escola Normal Oficial de Picos, trabalhou como professora nas instituições de ensino Dirceu Arcoverde, Miguel Lidiano, Petrônio Portela, Escola Normal Oficial (a qual também foi aluna), trabalhou também no Premem, no Colégio Estadual Marcos Parente e na Unidade Escolar Desembargador Vidal de Freitas. Local e data da entrevista: Rua Tiradentes, 193, bairro São José, Picos (24/03/2022).

Colégio Estadual Marcos Parente e no Vidal de Freitas. Desse modo, Rita de Cássia estudou e trabalhou nas três escolas que na década de 1980 ofertavam o Segundo Grau, Marcos Parente, Escola Normal e Vidal de Freitas.

Na entrevista de João Marques Rufino (2022), ele continua afirmando que “naquela época a gente só começava estudar lá aos sete anos de idade”, aspecto relevante, pois permite que entendamos como se dava a organização da educação em Picos naquele momento. Não havia ensino infantil como fora estabelecido nos anos posteriores. Francisca Darc Cardoso do Nascimento na sua entrevista relembra um pouco desse cenário:

Eu sou Francisca Darc Cardoso do Nascimento, nasci de uma família muito pobre, graças a Deus fui a primeira da minha família tanto do meu pai quanto da minha mãe, a ter nível superior, a concluir a universidade, graças a Deus, estudei em escola pública a vida toda desde meus primórdios e iniciei a minha vida escolar ainda na casa da professora Maria do Carmo, a saudosa professora Maria do Carmo. Ela ensinava o B.A.BA como chamava na época, eu tenho 53 anos. Já existia algumas escolas de pré-escola, mas minha mãe não conseguia me colocar e por conta disso, eu estudei dos 5 anos e meio até os 7 anos com a professora Maria do Carmo na casa dela, quando eu entrei no colégio com 7 anos de idade eu já sabia ler algumas palavras e escrever o nome e o alfabeto, como fazer algumas contas, já era como se tivesse pré-alfabetizada, porque naquela época aluno só começava a estudar com 7 anos de idade (Francisca Darc Cardoso do Nascimento, 2022).

De acordo com a citação acima, fragmento textual retirado da entrevista realizada com Francisca Darc Cardoso do Nascimento, ela começou seus estudos aos cinco anos de idade, entretanto, não foi na educação formal, e sim em um reforço escolar empreendido pela professora Maria do Carmo que trabalhava em sua própria residência. Naquele período, as escolas só ofertavam o ensino para os alunos a partir dos 7 anos de idade, como indicado também no relato do senhor João Rufino.

Portanto, essas circunstâncias nos apresentam outro cenário recorrente da educação naquele período. A maioria das crianças, sobretudo as pobres que não detinham condições para realizar um ensino privado ou um reforço escolar domiciliar antes da idade estipulada para adentrar as escolas, entravam nos colégios sem o preparo necessário, e isso ocasionava uma limitação para estes que não tiveram o ensino pré-escolar. Desse modo, ocasionou uma maior desigualdade social e educacional entre os alunos que já chegavam preparados para as séries iniciais e os que muitas vezes não sabiam ler e nem escrever por não terem tido nenhum tipo de ensino anteriormente. Além disso, outro fenômeno constante no período, era a atuação de professores sem a formação especializada, ou seja, o ensino superior, o que expandia o quadro de professores leigos atuando nessas escolas, como relembra Francisca Darc:

Eu me lembro dos meus professores, a professora de filosofia, a professora de sociologia no ensino médio já que era o segundo grau como chamava na época. Então assim, eu não tenho o que reclamar de meus professores não. Hoje por exemplo, para lecionar matemática no ensino fundamental 2, você tem que ser formado em matemática, eu não sei se elas tinham essa formação de matemática entendeu, ou se era só o pedagógico como na época, não sei se meus professores tinham essa formação superior não, eu acredito que eles vieram fazer depois da abertura das universidades aqui em Picos, mas não tenho muito conhecimento, algumas delas fizeram normal fora de Picos porque ainda não existia aqui escola normal. (Francisca Darc Cardoso do Nascimento, 2022).

Além de Francisca Darc, João Rufino também reforça esse aspecto:

A maioria dos professores dessa época eles tinham apenas o pedagógico da escola normal, aí tinha alguns que tinham formatura que eles iam para outros estados, para outras cidades se qualificar melhor, mas eram bem poucos. A maioria eram qualificados aqui mesmo na Escola Normal. Para época eram bem preparados, era ensino bom, de qualidade, eram professores que tinham responsabilidade que se dedicavam para dar aula, planejavam suas aulas, eram aulas planejadas (João Marques Rufino, 2022).

Desse modo, através das memórias de Francisca Darc e João Rufino, é possível perceber que a maioria dos professores não possuíam formação, portavam apenas a capacitação pedagógica, qualificação realizada pelas/nas próprias escolas. Entretanto, cabe algo digno de análise, embora escasso o número de professores que possuíam o ensino superior, ainda assim, esses profissionais conseguiam lecionar de forma satisfatória conforme as perspectivas dos alunos, que reforçam nos seus relatos, que para a época, os docentes estavam preparados e aplicavam um ensino bom, de qualidade, com dedicação e responsabilidade. Assim sendo, o investigador, ao analisar essas reminiscências, deve-se considerar não apenas os dados obtidos, como também o contexto que esses sujeitos estavam inseridos, as limitações que aquele determinado recorte temporal possuía e suas especificidades. Esses indivíduos são frutos daquele espaço-tempo, para estes o ensino ofertado nas escolas era o melhor que poderia ser aplicado naquele momento, considerando as limitações daquele período. Corroborando com as perspectivas de Darc e Rufino, Rita de Cássia reforça que:

Nessas escolas existiam tudo que precisava ter, umas escolas em que os professores nem todos eram formados, mas tinham mais responsabilidade e mais compromisso com a educação logicamente. Eu comecei a trabalhar nessa época e aprendi a ser responsável como educadora por conta de ter

professores responsáveis e competentes, alguns não tinham ensino superior, mas eram pessoas que realmente fizeram a sua parte, deixou um trabalho digno, bem diferenciado dos dias atuais onde a maior parte dos professores ver a educação como um bico, sempre tendo a educação e outros empregos, então naquela época era bem diferenciado. Poucos tinham curso superior, outros tinham curso pedagógico de ensino médio, alguns tinham um pouco de dificuldade, mas eram responsáveis, e procuravam sempre dá o melhor ensino. Algumas disciplinas tinham livros didáticos logicamente, nas escolas de ensino fundamental davam lápis, coleção caderno de desenho e algumas coisas, não davam era bolsas como dão hoje mochila farda, não davam isso, mais as pessoas iam do jeito que podiam e do jeito que davam e como suas condições davam para ir (Rita de Cassia dos Santos Silva, 2022).

A entrevistada Rita de Cassia dos Santos Silva ao rememorar suas vivências escolares na década de 1980, narra que os alunos e professores possuíam a estrutura e material que necessitava, “essas escolas tinham tudo que era necessário para a época, tinha quadra de esportes, não como as de hoje, mais tinha quadra, tinha cantina, tinha diretoria, sala dos professores tinha biblioteca, alguns eram mais simples e outras mais complexas, eram escolas bem conservadas” (Rita de Cassia dos Santos Silva, 2022). Ressalta ainda, que entre os professores que lecionavam nessas escolas, alguns não eram formados, contudo, enfatiza que estes portavam de muita responsabilidade e compromisso. O relato acima nos direciona a um cenário muito recorrente na década de 1980, e que já foi abordado anteriormente, nesse período as escolas possuíam muitos professores sem formação, ou seja, professores leigos.

É importante analisar que a fala da entrevistada denota um tom de sentimentalismo, considerando que ela não apenas estudou nessas escolas, como também foi professora delas, assim como Francisca Darc Cardoso do Nascimento. Rita de Cassia dos Santos Silva ao mencionar que as escolas detinham de tudo que necessitava, possui um relato carregado de memórias que foram construídas a partir das suas experiências.

Porém, precisamos enxergar esses relatos com um olhar atencioso. Desse modo, é importante mencionar que há outra perspectiva que representa o cenário das escolas na década de 1980. De acordo com a pesquisadora em ensino e educação do Brasil Carla Brijha (2011), na década de 1980 nas escolas públicas do país havia alguns empecilhos e carências estruturais, os professores não portavam material pedagógico para realizar suas funções, e muitos que não possuíam formação aprendiam no convívio profissional com os professores experientes. As salas de aulas eram superlotadas, não havia critério pedagógico para o preenchimento dos cargos de direção das escolas, elevada incidência de professores leigos, baixa escolaridade dos professores em geral, ausência de propostas pedagógicas consistentes, mínima distribuição de livros didáticos e irregularidade na distribuição da merenda escolar

(BRIJHA, 2011). Esse aspecto pode ser reforçado nas memórias de outra entrevistada Francisca Darc Cardoso do Nascimento que menciona:

Quando eu terminei o ginásio, que é o ensino fundamental hoje na Escola Vidal de Freitas, eu escolhi fazer pedagógico na escola Normal, só que tinha muitas exigências na época. A diretora era dona Zizi era muito rigorosa, era como se fosse uma escola particular, a começar pela farda eu não tinha condição de comprar farda, os livros naquela época também era comprado, tudo era comprado, e aí eu saí de porta em porta pedindo emprego até que eu consegui emprego na Pinguim Refrigeração na época Edvaldo da Silva Passos o irmão do Genival que era dono da Pinguim ele me deu parte dos meus livros de presente né graças a Deus, ele se solidarizou com a minha situação e com a minha garra e determinação de querer continuar estudando (Francisca Darc Cardoso do Nascimento, 2022).

Além de Francisca Darc, João Rufino também reforça esse aspecto:

Na minha época só distribuíam alguns livros, outros a gente comprava, o restante do material era todo comprado, geralmente era só o caderno e dois lápis comum e a caneta azul, naquele tempo a gente acompanhava o professor com o livro e no quadro, muitas tarefas o professor copiava no quadro e a gente passava para o caderno para responder em casa as tarefas (João Marques Rufino, 2022).

Em análise do relato da Francisca Darc Cardoso do Nascimento e João Rufino, a compreensão direciona a outro cenário mencionado pela Rita de Cassia dos Santos Silva. Conforme Nascimento e Rufino, as escolas eram muito exigentes, eles correlacionam essas instituições públicas nesse período a um nível de exigência de escolas particulares. Relembram ainda, que a farda e os livros eram comprados e que para os alunos que não possuíam condições financeiras essa situação era muito difícil. De acordo com o relatado por Francisca Darc, ela foi de porta em porta solicitando emprego para conseguir adquirir condições de comprar seu material escolar.

Eu estudei no colégio Marcos Parente e no Petrônio Portela lá do Bairro São José, e também no Vidal de Freitas, estudava o primeiro Grau que hoje é o ensino fundamental, os espaços físicos eram bons, principalmente dos colégios Vidal de Freitas e Marcos Parente, eram sala espaçosas, tinha área de lazer, quadra, era escola que tinha um bom espaço para os alunos, tinha biblioteca, na época não tinha internet e o que a gente recorria para fazer trabalhos e as coisas era livros na biblioteca. (João Marques Rufino, 2022).

Essas escolas tinham tudo que era necessário para a época, tinha quadra de esportes, não como as de hoje, mais tinha quadra, tinha cantina, tinha diretoria, sala dos professores tinha biblioteca, algumas eram mais simples e

outras mais complexas logicamente, eram escolas bem conservadas. (Rita de Cassia dos Santos Silva, 2022).

Eu costumo dizer que as escolas da década de 80 eram muito melhores do que as escolas do município hoje. As salas são muito apertadas e muito lotadas, pequenas e tudo. A escola Landri Sales que foi onde eu fiz todo o meu primário de primeiro a terceiro ano, do quarto eu já fui pro Justino Luz, era uma escola bem ampla de salas grandes, a estrutura ainda é a mesma hoje a do Landri Sales, as reformas que aconteceram lá foram mínimas, mas o pátio é o mesmo, as salas de aula. Eu me lembro como se fosse hoje, eu pequenininha estudando naquela escola e no Justino Luz, era uma escola muito grande com árvores, castanholas, as salas bem arejadas, bem grandes, bem espaçosas, sabe, tudo bem planejado. No ginásio no Marcos Parente e Vidal de Freitas também continuam a mesma estrutura da década de 80, não mudou nada, a não ser essa questão de quadra, eu acho que foram feitas algumas quadras lá, mas o Vidal de Freitas já tinha quadra, espaços muito arejados, então assim, são escolas muito boas que ainda continuam tendo o mesmo espaço, a mesma estrutura da década de 80. As escolas que eu estudei do estado todas muito boas (Francisca Darc Cardoso do Nascimento, 2022).

Os fragmentos textuais acima foram retirados dos relatos orais de João Rufino, Rita de Cássia e Francisca Darc. Anteriormente, já foram apontadas algumas divergências entre as memórias desses sujeitos acerca das escolas e da educação ofertada na década de 1980. Entretanto, na análise dessas narrativas, também é possível notar pontos semelhantes. A exemplo das estruturas das instituições de ensino que estes estudaram/trabalharam. Conforme seus relatos, os espaços físicos das escolas eram bons e espaçosos. Possuía área de lazer, cantina, diretoria, salas dos professores, quadra esportiva, biblioteca, além de possuir um espaço bem arejado e conservado. O relato que mais nos chamou atenção, foi o de Francisca Darc, quando para ela, as escolas da década de 80 eram melhores do que as escolas de Picos atualmente. Conforme suas perspectivas, as salas de hoje são apertadas e lotadas, diferente de antes, onde as escolas eram amplas e grandes.

É importante ressaltar que somente em meados da década de 80, o teste seletivo para estudar nessas escolas foi abolido. Anteriormente a isso, os alunos faziam uma prova, uma espécie de exame de aprovação para poder estudar nessas instituições. Desse modo, isso pode ter contribuído com o fato das salas segundo Francisca Darc naquele período não serem lotadas. Cristine Pinheiro (2007) na sua pesquisa de dissertação intitulada *História e Memória da Escola Normal Oficial de Picos (1967 - 1987)*, elaborou uma tabela de alunos que ingressaram na Escola Normal Oficial de Picos na década de 1980. Em 1980, foram (617 alunos), em 1981 foram (631 alunos), em 1982 (615 alunos), em 1983 (621 alunos), em 1984 (942 alunos), em 1985 (996 alunos), em 1986 foram (1.006 alunos) e em 1987 (1.123 alunos). A partir desse quadro, é possível perceber que até quase meados da década de 1980, o corpo

estudantil mantinha-se estável, quase o mesmo, às vezes sofria um aumento, outras uma diminuição, mas sem nenhuma mudança brusca. Todavia, em 1984 aumentou mais de 300 alunos, dados esses que subiram mais ainda nos anos seguintes. Já no ano de 1987 duplicou a quantidade de alunos que no ano de 1980, a abolição do teste de aprovação para entrar nas escolas pode ter influenciado consideravelmente nesse cenário.

Na verdade todo o fundamental 1 e 2 era escrita, na sétima série e na oitava série já tinha os livros né, mais até a quinta série, sexta série se os pais tivessem condição de comprar bem, se não aluno ficava lá, eu muitas vezes fui pra casa de minhas professoras pra estudar com elas, pra pegar material com elas, fazer as atividades com elas, porque eu queria vencer na vida, eu não queria ser lavadeira que nem minha mãe, não desonrando a profissão dela, mais é porque era muito sofrido pra ela, era muito doloroso, e ai eu queria ser gente. Olha só a colocação o pensamento de quem tinha ensino, de quem conseguia sobressair na vida, era como se as outras pessoas não fosse gente, então assim, os livros eram de difícil acesso, o conteúdo era colocado no quadro o aluno copiava, era assim, a metade da aula o aluno copiava do quadro e fazia o dever de classe, da outra metade era o dever de casa, pronto, tudo copiado do quadro, era aquelas questõezinhas básicas, um questionário de dez questões, muitas vezes para fazer uma prova de cinco questões, entendeu, era isso, se você tivesse o poder de decorar você não tinha como ficar no ensino na década de 80 não (Francisca Darc Cardoso do Nascimento, 2022).

A fala da entrevistada Rita de Cassia dos Santos Silva enfatiza que em relação aos professores das escolas desse período, alguns não tinha ensino superior, mas faziam sua parte e um trabalho digno, e que posteriormente trabalhou na escola a partir do que aprendeu com seus professores, inclusive os leigos. Como ressalta a autora Pinheiro em sua dissertação, os alunos que estudavam na Escola Normal Oficial de Picos e em outras instituições que funcionavam nesse período, futuramente seriam os professores que selecionaria nas mesmas escolas.

Trabalhava lá no [Unidade Escolar] Miguel Lidiano né, nessa época tinha o ônibus do batalhão, aí o pessoal do 3º BEC eles vinham deixar os alunos no colégio das irmãs e nas escolas particulares ai na volta eles levavam os professores que trabalhavam no [bairro] Junco, era um acordo do estado com o BEC. Tinha esses acordos tinha o ônibus do batalhão só que a gente não podia atrasar nenhum minuto porque eles tinham o horário certo, era bem rígido o horário, aí a gente ia pra lá. Em termo de estudante não tinha aquela época transporte para estudante, eu sempre estudava perto de casa, o lugar mais longe que eu estudei foi a escola normal, para estudar na escola normal e para estudar nas demais escolas que eu estudei, primário, ensino fundamental e segundo grau sempre a gente ia a pé ia e voltava a pé, não tinha transporte (Rita de Cassia dos Santos Silva, 2022).

De acordo como o relato da entrevistada na década de 1980 não havia transporte para os estudantes, dessa maneira, os estudantes utilizavam o ônibus do exército do 3º BEC, pois o Estado havia feito um acordo. A depoente relembra que não era permitido chegar atrasado, que o transporte possuía horário certo e rígido. É importante mencionar que, de fato, nesse período não havia muito a preocupação dos governantes em relação ao transporte para estudantes. Esse cenário só veio ganhar novos moldes quando os programas para transporte público começaram a se concretizar com a previsibilidade de recursos estabelecidos no artigo 208 da Constituição de 1988 que diz: "o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde, descritos no inciso VII".

Naquele tempo era tudo por série, não existia tanta coisa era tudo por série, logicamente aqueles alunos que eram mais atrasados que tinha mais dificuldade com o aprendizado logicamente ele ficava no recreio com a professora, ele chegava mais cedo, saia mais tarde para a professora dá um pouco de reforço pra ele. Mas não tinha esse negócio de separar, as pessoas que tinham um pouco mais de dificuldade, logicamente tinha mais deveres para ele, a professora chamava mais atenção deles, procurava sempre chamar a atenção né, eu como professora naquela época comecei em 1986, logicamente já havia aquela coisa manual da gente rodar, passava para o extensivo a álcool e passava os deverzinho, a gente colocava na máquina e rodava os deveres e fazia, fora as apostilas e os poucos livros que haviam (Rita de Cassia dos Santos Silva, 2022).

Como já discutido anteriormente, com a reforma da educação, o ensino era dividido por série. Conforme a memória de Rita de Cassia Silva, não havia separação, os que eram mais “atrasados” e tinha mais dificuldades com o aprendizado os professores davam um pouco de reforço, mas não havia especificação. Esse cenário reforça uma questão já discutida anteriormente, com a reforma da educação, muitos empecilhos foram encontrados, como por exemplo a repetência. Pois não havia uma atenção maior para casos específicos, e desse modo, a parcela mais pobre que chegou nas escolas menos preparadas do que as mais ricas que já havia tido contato com o ensino primário, possuía mais dificuldades, favorecendo assim, com que evidenciasse a desigualdade social dentro das escolas.

Por série, primeira série, segunda série, terceira série, detalhe, o aluno que não tivesse acompanhamento em casa e que não tivesse interesse mesmo ele ficava ali naquela serie não tinha esse negócio não, e era aluno interessado como eles chamavam a gente, os alunos interessados e os desinteressados e pronto e acabou. Não tinha essa questão de se preocupar com a questão

social do aluno, com a questão econômica não, era voltado o ensino tradicional para todos, se aprendesse daquele jeito bem, se não aprendesse também ia ficar daquele jeito e acabou. (Francisca Darc Cardoso do Nascimento, 2022).

De acordo como indica a entrevistada Francisca Darc Cardoso do Nascimento, os alunos que não possuíam acompanhamento em casa, ou seja, possivelmente um reforço escolar particular ou ajuda dos próprios pais e como ela menciona não tivesse interesse em estudar “ficava ali mesmo”. Essa expressão utilizada por ela, significa o aluno repetir de série, isto é, não conseguir alcançar a pontuação necessária para passar de ano (subir de série). O relato acima, indica também que os alunos eram tratados de igual maneira, não havia a preocupação com a questão social e econômica, ou seja, ricos e pobres que estudavam na mesma escola possuíam a mesma condição de ensino.

É importante compreendermos esse cenário de forma crítica, pois em outros contextos talvez a igualdade entre o rico e o pobre seja positiva, mas nessa situação específica, não. Pois os que possuíam mais condições financeiras podiam adquirir os livros e os materiais necessários para adquirir um bom aprendizado, já os mais pobres não possuíam condições para comprar os livros didáticos, ficando assim, impossibilitados de estudarem e se dedicarem à escola como a instituição solicita. Desse modo, essa situação elevou as reprovações e repetência e causou o abandono da escola por desestímulo, ampliando a desigualdade entre as classes sociais (BRIJHA, 2011).

Logicamente existia uma organização muito boa, as disciplinas tinham a grade curricular que era um pouco diferenciada de hoje logicamente, existia pra quem tinha o ensino fundamental, haviam disciplinas simples, é geografia história português, matemática ciências, inglês, educação para o lar, no ensino fundamental. Quando era no segundo grau tinha a OSPB, tinha programa de saúde, tinha educação religiosa, que hoje realmente saiu da grade, não tinha nessa época o ensino Afro que hoje é obrigatório ter e que hoje já estão tirando das escolas, ter o ensino afro se faz fundamental (Rita de Cassia dos Santos Silva, 2022).

Através da entrevista, é possível também compreendermos como era a grade curricular das escolas naquele período. Além das disciplinas mencionadas no relato da entrevistada, havia também uma disciplina que nos chamou atenção: a OSPB. A Organização Social e Política do Brasil (OSPB) era uma disciplina do ensino básico, que esteve presente nos currículos no Brasil, entre 1962 e 1993.

Nossa, sempre existiu merenda, logicamente não era como a de hoje, era leite da gogoia e cuscuz, era macarrão com sardinha, era bolacha com suco,

um pouco parecido com hoje, só que hoje tem mais ingredientes tem mais verduras tem essas coisas todas, tem alface, tem cenoura batatinha essas coisas todas, tem frango e carne moída diferenciado de antigamente. De primeiro já tinha aquelas merendas, já prontas, aquele arroz com uma mistura já pronta né, já com a carne dentro fazia só botar no fogo e já fazer, tinha carne de jabá essas coisas assim. Tinha as merendeiras que faziam, ou eram na cantina ou a professora já levava todo mundo na fila para já ficar esperando a merenda. (Rita de Cassia dos Santos Silva, 2022).

Ainda sobre o cenário educacional da época, um outro empecilho que fora indicado na fala do senhor João Marques Rufino (2022) foi sobre aspectos ligados ao próprio cotidiano escolar, como por exemplo as merendas e materiais escolares:

Na minha época só distribuía alguns livros, outros a gente comprava, o restante do material era todo comprado, geralmente era só o caderno e dois lápis comum e a caneta azul, naquele tempo a gente acompanhava o professor com o livro e no quadro, muitas tarefas o professor copiava no quadro e a gente passava para o caderno para responder em casa as tarefas né. [...] Nessa época nos colégios que eu estudei (Colégio Estadual Marcos Parente e Unidade Escolar Desembargador Vidal de Freitas) não tinha merenda na escola. A gente fazia a refeição em casa e ia pro colégio. Quem tinha um dinheirinho comprava lá porque tinha uns vendedores que vendia lá na porta do colégio, mas o colégio mesmo não distribuía merenda nessa época (João Marques Rufino, 2022).

O senhor João Marques Rufino (2022), nos relata em sua entrevista, outros aspectos do cotidiano escolar, em meados dos anos 1980. Ao ser indagado sobre os materiais escolares que os alunos tinham acesso, ele recorda que eram poucos materiais, o acesso aos livros didáticos era limitado – possivelmente somente para algumas tarefas – e que até mesmo pelas poucas condições financeiras, presumivelmente, os alunos tinham apenas canetas e cadernos, incluindo ele próprio. Esse aspecto é relevante para a continuidade de nossa escrita, especialmente ao que se refere às dificuldades de chegar às escolas, bem como de se manter dentro do ambiente escolar. Todas estas lembranças podem ser analisadas e nos permitem observar as dificuldades que tinham em torno da permanência dos alunos em sala de aula, no período histórico o qual estamos analisando.

É importante destacar que há algumas divergências entre as memórias dos entrevistados, especificamente em relação à merenda escolar. Talvez isso seja explicado pois a entrevistada Rita de Cássia dos Santos Silva realizou seus estudos na escola Normal Oficial de Picos, enquanto João Marques Rufino no Colégio Estadual Marcos Parente. Ambos os entrevistados não detalharam em seus relatos orais o ano exato em que realizaram seus estudos nessas instituições. Mas, alguns indícios em suas falas nos permitem visualizar outro

aspecto que também pode explicar essas diferentes informações. Esse ponto refere-se à idade dos depoentes, Rita de Cássia tem 62 anos e João Rufino tem 57 anos, desse modo, podem ter realizado as modalidades de ensino do 1^a e 2^a em época diferentes, mais precisamente com uma diferença de 5 anos.

Na memória do Senhor João Marques Rufino (2022), ao menos nas escolas em que ele estudou, não havia merendas. Cada aluno depois do almoço ia para o ambiente escolar. Relembra ainda que “quem tinha um dinheiro comprava lá porque tinha uns vendedores” (JOÃO MARQUES RUFINO, 2022). Esse aspecto é relevante pois indica que não era comum que muitos alunos tivessem essas condições financeiras para comprar merenda. Essa análise é reforçada por serem alunos de uma instituição pública, assim como pelos níveis sociais de pobreza que acompanhavam boa parte dos piauienses, no contexto histórico por nós analisado.

Além da discussão dos materiais escolares e das merendas, outro ponto relevante para a discussão e necessário de análise, refere-se às tarefas de casa e importância dada às escolas e aos professores. Essa temática foi um tema recorrente nos relatos dos entrevistados, especificamente no relato da Francisca Darc Cardoso do Nascimento e no da Rita de Cássia dos Santos Silva, pois ambas além de alunas também atuaram como professora das instituições Escola Normal Oficial de Picos, Colégio Estadual Marcos Parente e na Unidade Escolar Desembargador Vidal de Freitas.

Tinha o devezinho de classe o devezinho de casa aquela coisa bem tradicionalzinha mesmo básica sabe, sem muita inovação, sem muitos recursos. Mas o aluno aprendia, existia um respeito sobrenatural com o professor sabe, um respeito muito grande, praticamente não existia escola particular, então escola pública era mais valorizada sabe, ela era mais respeitada e mais conceituada eu vejo assim (Francisca Darc Cardoso do Nascimento, 2022).

De acordo com Cardoso, naquele período também havia os deveres que os professores passavam para os alunos realizarem em casa. Ressalta ainda que existia um respeito "sobrenatural" com o professor. Essa expressão da entrevistada pode ser entendida como algo extenso, ou seja, um forte respeito. Além disso, a entrevistada menciona algo interessante, quando ela através das suas memórias acredita que a educação pública antes era mais valorizada, pois não existia escola particular, desse modo, como era o que tinha, ela acredita que os alunos valorizavam mais.

As pessoas que não faziam o dever de casa tinham um recadinho para as mães, ficava sem recreio, ficava depois da aula, as vezes perdia alguns décimos, tinha reunião de pais e mestres onde eram comunicados como estavam seus filhos como não estavam, essas coisas assim. Logicamente que as pessoas que moravam aqui na cidade os pais tinham responsabilidade de saber, mas o pessoal se conhecia e mesmo aqueles que não iam pra reunião quando se encontravam perguntavam ou como é que tá meu filho, e as pessoas diziam como é que estava o filho da pessoa, eu mesmo passei muito recado. Você morava no bairro ou perto todo mundo se conhecia a cidade menor e todos se conheciam, então tinha como você se comunicar com os pais na hora que fosse necessário, e se fizesse necessário. (Rita de Cassia dos Santos Silva, 2022).

A fala da entrevistada acima nos revela algo interessante, na cidade as pessoas se conheciam, conversavam e até "fuxicavam". Isso nos indica que todos se conheciam. Ana Fani Alessandri Carlos (2007) pode nos ajudar a compreender essa abordagem que a entrevistada faz sobre a cidade. Para essa geógrafa algumas partes do espaço urbano podem ser concebidos como um *lugar* que é a base da reprodução de vida, mas isso só é possível em cidades pequenas, como a entrevista ressalta "cidade menor". Pois, essa urbe pequena teria o porte de um bairro de uma metrópole. Assim, a autora indica que essa conjuntura permite com que as pessoas se conheçam, sociabilizem e sintam-se pertencentes àquele lugar, desse modo, à vontade para falar sobre as suas vidas e a vida das outras pessoas que estão inseridas naquele meio.

Antigamente o aprendizado era melhor porque o professor tinha responsabilidade, tinha vontade de fazer aquilo, hoje em dia como eu disse a você nas outras questões, as pessoas veem a educação muito como um bico, então deixa muito a desejar. Mesmo sendo uma visão moderna mas eu acho que uma visão moderna se faz necessário também ter pessoas capacitadas para isso. Existia um distanciamento entre o professor e aluno, a gente tinha o maior respeito, professor é como se fosse pessoas da família, é como se fosse uma autoridade, tinha aquele respeito muito grande. Nas escolas que eu estudei não existia esse negócio de medo de professor, medo disso ou medo daquilo não, existia simplesmente um respeito pelos professores. Sempre houve aluno danado, sempre houve aluno rebelde, sempre houve e sempre vai existir (Rita de Cassia dos Santos Silva, 2022).

A fala de Rita de Cássia revela sua afetividade com a educação daquele período, que nos leva a compreender que ela elogia a educação e os professores daquela época. Segundo ela, os professores tinham mais responsabilidade e vontade para realizar suas funções. E para ela, os dias atuais que ela vive, muitos professores não priorizam a educação e deixam a desejar. Além disso, menciona que havia um grande respeito do aluno pelo professor, mas que não havia medo entre eles, apenas um entendimento de uma hierarquia.

É relevante percebermos os relatos evidenciados pela entrevista como expressões e memórias dotadas de significados, atreladas à construção de sentidos e à identidade. Portanto, pode-se compreender que os elogios de Rita de Cássia a educação oferta no período da década de 1980, indica também a sua relação não apenas de aluna, mas de professora dessas instituições. Sua narrativa parte do seu lugar de fala, das suas vivências, realidades e contextos vivenciados, ou seja, também estão imersos de subjetividades, formatando uma memória individual estabelecida pela própria depoente. A entrevista de Francisca Darc Nascimento também nos revela algo interessante em relação aos castigos aplicados nessas escolas:

Sim, sim, tinha palmatoria, tinha que ficar de joelho no canto da parede, certo, tinha professor que colocava até caroço de milho, tinha sim, tinha castigo sim, aluno que desobedecesse, aluno que conversasse, aluno que não acertasse a tabuada. O coleguinha dava a palmatoria na mão do outro, era bem rígida, uma educação bem rígida, bem tradicional mesmo (Francisca Darc Cardoso do Nascimento, 2022).

Destarte, a disciplina e o comportamento dos alunos são se davam apenas pelo respeito que se tinha pelos professores, mas também pelo medo, pois havia maneiras de disciplinar os alunos que não se comportavam em sala de aula, como a palmatória, ficarem de joelho no canto da parede e alguns professores colocavam até caroço de milho. Isto é, Francisca Darc Nascimento relembra que havia sim castigos caso o aluno desobedecesse ou não acertasse a tabuada, considerando a educação bem rígida e tradicional nesse período.

De acordo com Fábio Henrique Monteiro Silva (2016), o conto, a narrativa e a representação do passado só podem ser feitos a partir do lembrar, do ato mnemônico que pode ser elaborado dentro da possibilidade do sensível. Assim, o visto, os sentidos, o apreciado são condições indispensáveis para a prospecção da memória. De acordo com esse autor, memória e sensibilidade são condições inseparáveis do viver, não é possível estabelecer uma noção de memória fora do emocional, fora do mundo exterior. Ao analisarmos a fala dos entrevistados, percebe-se que suas memórias e seus atos de lembrarem o passado estão diretamente ligadas às sensibilidades, pois:

É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos, o que não implica em abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e

sentimentos através de sua inserção no mundo social, na sua relação com o outro (PESAVENTO, 2007, p.14).

Dessa maneira, é preciso entendermos os relatos dos entrevistados como indica Sandra Pesavento, estes sujeitos estão ligados com as suas experiências pessoais, constituídas de emoções, sentimentos, ideias, temores, desejos. É possível notar concordâncias e divergências dos entrevistados sobre o mesmo período e espaço recordado. Nas memórias de João Marques Rufino e Francisca Darc Nascimento é possível identificarmos as dificuldades da educação daquele período, e já no que condiz as de Rita de Cássia, ela possui uma memória mais endossada, de que os professores e os alunos possuíam o que necessitavam, reduzindo os empecilhos que a educação tinha naquele período. E nós, enquanto historiadores e pesquisadores de memória, precisamos ter sensibilidade para analisar essas entrevistas, cientes de que não há necessariamente erros nos relatos, mas perspectivas, interpretações de determinado período e circunstâncias, a partir do lugar de fala de cada entrevistado.

Paul Ricoeur (1997), também nos ajuda a compreender esse cenário, quando ele indica que as narrativas são construídas. Assim, esses relatos são narrativos e cada um tem sua própria configuração temporal. O entrevistado vai construindo na sua fala seu próprio sentido, à medida que vai sendo tecida, tramada, escolhendo seus motivos, suas cores e inclinações.

A pessoa, compreendida como personagem da narrativa, não é uma entidade distinta de suas “experiências”. Bem ao contrário: ela divide o regime da própria identidade dinâmica com a história relatada. A narrativa constrói a identidade do personagem, que podemos chamar sua identidade narrativa, construindo a história narrada. É a identidade da história que faz a identidade do personagem (RICOEUR, 2001, p. 176).

Ainda de acordo com Ricoeur, as memórias relatadas pelos entrevistados podem ser vistas também como uma experiência autobiográfica, ou seja, processo de contar-se a si mesmo, o relato é dinamizado a partir de como o sujeito deseja contar a sua vida. Entretanto, embora devamos ser sensíveis ao analisar as entrevistas, Ricoeur também ressalta que esses relatos não podem ser tomados como a vida realmente vivida pelo autor, mas sim uma vida (re) tramada em narrativa (RICOEUR, 1997).

Outro autor que segue essa mesma linha de raciocínio é Márcia Pereira dos Santos (2009). Para ela, o próprio entrevistado vai forjando não apenas um sentido para a existência desse sujeito que se conta, mas também uma identidade que se configura narrativamente porque é no contar que ela se evidencia, se deixa à mostra.

Ora se, por um lado, o contar faz lembrar para fazer permanecer uma dada memória, por outro, essa a memória não deve ser compreendida como um retrato fiel do que foi vivido, pois ela, passando pelo crivo narrativo do contar, é também alvo de avaliação. E como vimos, o narrador, não é necessariamente o personagem, composto consoante à história que é contada. A narrativa autobiográfica pauta-se na relação presente – passado, pois se o primeiro suscita o segundo, o faz com suas impressões, com as experiências que possui, pois é do presente que se lembra, é nele que dado passado é re-composto em narrativa e dado a ler. Vemos assim, que em suas nuances de identificação o sujeito que se autobiografa conta sua vida como parte de uma dada referência de mundo e cultura, pois é esse o seu espaço presente (SANTOS, 2009, p.5).

Portanto, pensando esses relatos a partir de uma autobiografia, como exercício de lembrar, compreende-se que esses sujeitos entrevistados como indivíduos inseridos no tempo presente, ao lembrar e narrar suas memórias, é também fruto da sua própria historicidade como homem em um tempo que muda. “A memória, assim, carregada de afetos, interfere nessa voluntariedade da empreitada autobiográfica. É, pois, segundo suas formas de sentir, que o sujeito lembra, esquece e narra” (SANTOS, 2009, p. 6).

Nessa perspectiva, também podemos analisar a fonte histórica oral a partir do diálogo com a historiadora Danièle Voldman (2006), em seu texto que tem como título *A invenção do depoimento oral*, artigo que foi publicado em um dos principais livros que tratam sobre a história oral no Brasil chamado: *Usos e abusos da História Oral*. Em sua narrativa, Voldman indica que as fontes orais são abundantes e múltiplas com as quais os intelectuais ligados à história podem trabalhar.

Um outro importante autor que dialogamos a fim de melhor analisar as fontes com as quais trabalhamos, é o professor Antônio Torres Montenegro (2016), em especial em sua obra que tem como título: *História, Metodologia, Memória*. Nesta obra, ele ressalta diversos aspectos sobre a relação entre história e memória, bem como a dimensão metodológica em torno desta relação que nos auxilia enquanto um instrumento para a escrita e desenvolvimento da pesquisa histórica. O professor Montenegro faz questão de ressaltar em sua narrativa que “O diálogo constante com a historiografia, associado às recentes questões metodológicas que inovaram o campo da história, novas perguntas foram formuladas” (MONTENEGRO, 2016, p. 13). Esse constante diálogo entre a *história acontecimento* e a *história narrada*, que o autor intitula enquanto historiografia, produz o surgimento de novas perguntas. A partir desses novos questionamentos, novos problemas históricos aparecem às vistas dos historiadores. E com esses novos problemas, se torna necessário cada vez mais os intelectuais ligados às ciências humanas, lançarem mão de novos instrumentos metodológicos. Por isso, a

necessidade, por exemplo, do desenvolvimento da metodologia da História Oral. Pois ela permite que tenhamos contatos com fontes históricas que antes não eram consideradas.

A relação com a memória que o professor Montenegro (2016) nos traz em sua obra foram tomadas para analisarmos as entrevistas abordadas acima, na medida em que podemos considerar que suas narrativas se dão através de uma negociação subjetiva de suas próprias lembranças, já que é possível compreender que toda produção de memória se dá através de mecanismos de negociação. É nesse sentido que o professor Montenegro irá resultar em sua obra que:

[...] A relação entre entrevistador e entrevistado é fundamental para a produção de documento constituído a partir da oralidade. [...] É necessário conhecer as condições de produção dos relatos orais, suas estratégias e ordenamentos discursivos. [...] É necessário pensar a escrita da história contemplando a pluralidade dos sentidos (MONTENEGRO, 2016, p. 14).

A partir do fragmento acima, retirado da obra do professor Montenegro, é destacado alguns elementos que já foram apontados anteriormente no desenvolvimento da presente pesquisa. Destacando continuamente a importância da relação entre entrevistador e entrevistado, tendo em mente que não é apenas uma entrevista qualquer e que possa ser realizada em um modo de aleatoriedade. Pelo contrário, o que ali é produzido é um documento histórico a partir da oralidade e da memória.

No que se refere à memória, um outro importante autor o qual podemos lançar mão para dialogar com o intuito de compreender de forma mais clara o trabalho que foi desenvolvido, se encontra na obra do intelectual Alessandro Portelli (2016), intitulada: *Sobre os usos da memória: memória-monumento, memória-involuntária, memória perturbadora*. Na referida narrativa, o historiador italiano Portelli destaca que a memória pode ser considerada um trabalho incessante em busca de produzir sentidos. Estes aspectos são relevantes para que possamos compreender que as fontes históricas que foram analisadas são frutos de uma complexa negociação do sujeito com suas próprias memórias.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que realizamos retratou um cenário da educação formal em Picos-PI, enfatizada a partir do contexto educacional ocorrido nas escolas que ofertavam o 2º Grau (Ensino Médio) na década de 1980. As análises feitas, consideraram especialmente as perspectivas apresentadas por alunos e por professores que estudaram/trabalharam na Escola

Normal Oficial de Picos, no Colégio Estadual Marcos Parente e na Unidade Escolar Desembargador Vidal de Freitas.

A partir disso, construímos um panorama que pode contribuir para o estudo da História da Educação, e de uma historiografia picoense. Nessa investigação, foi apresentado parte de um contexto vivenciado na década de 1980 por alunos e professores que experienciaram a educação formal em Picos. Analisando suas vivências reconstruídas nas suas memórias e narrativas, formamos um quadro de perspectivas que revelam um pedaço do contexto da educação em Picos na década de 1980. Como eram as escolas, o ensino, a relação entre professores e alunos, a estrutura desses colégios, e as condições que o Estado ofertava a essas instituições e, conseqüentemente, aos alunos.

Dessa forma, conseguimos perceber alguns aspectos sobre como a LDB de 1971 instituída no país, estava implementada nas escolas de Picos e as ressonâncias dessa legislação na educação local. Além disso, também percebemos como as escolas contribuíram com a expansão do espaço urbano e o aumento de moradores residentes na zona urbana.

No primeiro capítulo, foi realizada uma análise sobre a cidade entrelaçada à educação, esta segunda interpretada como um fenômeno que ocorre dentro de um determinado espaço e sociedade, a fim de compreender as razões que influenciaram o cenário educacional em meados dos anos 1980, com o objetivo de interligar o cenário nacional, estadual e local para melhor desenvolver a discussão. Além disso, foi realizado um esboço das escolas que ofertavam o 2º Grau em Picos nessa década, e foi percebido que as construções dessas escolas favoreceram um maior crescimento para a cidade e uma considerável migração da zona rural para a zona urbana.

No segundo capítulo, foi abordado com ênfase os relatos das entrevistas realizadas para a elaboração dessa pesquisa. Em análise das memórias e narrativas mencionadas pelos entrevistados, percebemos como era parte do contexto educacional, econômico e social dos professores e alunos daquele período. Além disso também entender um pouco do cotidiano daqueles sujeitos, de como sua vida, socialização, cotidiano, era moldado pelas atividades das escolas. E que entre os sujeitos que vivenciaram o mesmo tempo e o mesmo espaço, as memórias se aproximam e se distanciam conforme o lugar e realidade que aquele sujeito está inserido.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: Geral e Brasil**. São Paulo: Moderna, 2006.
- BECKER, Jean-Jacques. O handicap do a posteriori. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- BENCOSTTA, Marcus Levy. Cândido de Abreu: projetos do primeiro urbanista da cidade de Curitiba do início do século XX. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.36, n.73, p. 231-254, 2016.
- BRESCIANI, M. S., NAXARA, M. R. C. (org.). **Memória e (re) sentimentos: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.
- BORGES, Raimundo Nonato de Oliveira. A educação escolar no Piauí do XIX: a precariedade do ensino público. **Revista SOMMA**, v. 3, n. 1, p. 36-45, 2017.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Brasiliense, 2017.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. **Successful qualitative research: a practical guide for beginners**. London: SAGE Publication, 2013.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Thematic analysis. *In*: COOPER, H. E. (Ed.). **APA Handbook of Research Methods in Psychology**. Washington DC: APA books, v. 2, p. 57-71, 2012.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 77-101, 2006.
- BRAUN, V.; CLARKE, V.; RANCE, N. How to use thematic analysis with interview data. *In*: VOSSLER, A. e MOLLER, N. (Ed.). **The counselling and psychotherapy research handbook**. London: SAGE Publications, p. 183-197, 2014.
- BRASIL. LEI Nº 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971. Portal da câmara dos deputados. **Diário Oficial da União - Seção 1 - 12/8/1971**, Página 6377, Brasília, DF, 1971.
- BRIJHA, Carla. **A História do Brasil e da Educação a Partir da Década de 1980: Suas Influências e Reflexos na Educação Atual**. Disponível em: <http://historiarecente.webnode.com.br/decadas/decada-de-80/> Acesso em: 04 out. 2022.

- BUTTNER, Anna. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. *In*: CHRISTOFOLLETI, Antônio. **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.
- CARVALHO, Odorico. **Documentário 70 Anos do Marcos Parente**. YouTube, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/PheHE9qhIXU>. Acesso em: 5 out. 2022.
- CAMARGO, Aspásia. História Oral e Política. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes. **História oral e multidisciplinaridade**. Diadorim Editora, Rio de Janeiro, 1994.
- CIAMPI, H.; CABRINI, C. Ensino de história: histórias e vivências. *In*: CERRI, L. F. (org.). **O ensino de história e a ditadura militar**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 530p. 2000.
- COSTA FILHO, Alcebíades. **A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí, 1850-1889**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.
- CRESWELL, John W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa-: Escolhendo entre Cinco Abordagens**. Penso Editora, 2014.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Artmed, 2006.
- DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. **Educação e Sociedade**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Editorial, Ensaio: aval. pol. educ. 27 (104), Rio de Janeiro, 2019.
- ESCOLANO, Agustin. A arquitetura como programa. *In*: FRAGO, Antônio; BENITO ESCOLANO, Agustin. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **História oral: velhas questões, novos desafios**. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (org.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa-3**. Artmed editora, 2008.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Verdade e memória do passado**. Projeto História 17. Nov, 1998.

GOLDEMBERG, José. O repensar da educação no Brasil. **Estudos avançados**, v. 7, p. 65-137, 1993.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. In: **Território**. Rio de Janeiro: Garamond – LAGET/UFRJ, 1997, n. 03, p. 77-85.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LOUREIRO, Violeta R. Educação e sociedade na Amazônia em mais de meio século. **Revista Cocar**, v.1, n. 1, jan-jun, pp. 17-58, 2007.

MARANGONI, Gilberto. **Anos 1980, década perdida ou ganha?** Edição 72, Ano 9. São Paulo, 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MERRIAM, Sharan B. **Qualitative research: case study, applications in education**. San Francisco: Jossey-Bass, 304p. 2009.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, Metodologia, Memória**. São Paulo: Contexto, 2016.

NASCIMENTO, Francisca Darc Cardoso do. **Entrevista concedida a Marcos Moura Menezes**. Picos-PI, 22 mar. 2022. 1 arquivo áudio; 41 minutos.

NORA, Pierre. A problemática dos lugares. In: **Projeto História**, n.10, dez, 1993.

NUNES, O. **Pesquisas para a História do Piauí: lutas partidárias e a situação da Província**. Em busca de organização: escola e trabalho. Teresina: FUNDAPI; Fund. Monsenhor Chaves, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, sensíveis Cidades, Cidades Imaginárias. **Rev. Bras. Hist.** São Paulo, v. 27, n 53 de junho de 2007.

PESAVENTO, S. J. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In. PESAVENTO, S.J. LANGUE, F. (org). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007.

PIMENTEL, Júlio. Os muitos tempos da memória. **Projeto História**, n. 17. Nov. 1998.

PINHEIRO, Cristiane Feitosa. **História e Memória da Escola Normal Oficial de Picos (1967 - 1987)**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal do Piauí, 2007.

PORTELLI, Alesandro. Sobre os usos da memória: memória-monumento, memória involuntária, memória perturbadora. *In*: PORTELLI, Alesandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. **Paidéia** (Ribeirão Preto), p. 15-30, 1993.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Trad. Roberto Leal. Ferreira. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo. Brasiliense, 1995.

RUFINO, João Marques. **Entrevista concedida a Marcos Moura Menezes**. Picos-PI, 21 mar. 2022. 1 arquivo áudio; 16 minutos.

SANTOS, Sônia Maria dos; ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. História oral: vozes, narrativas e textos. **Cadernos de História da Educação**, v. 6, 2007.

SANTOS, Márcia Pereira dos. **O sensível acesso ao passado: a memória e o esquecimento**. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristovão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

SILVA, Rita de Cassia dos Santos. **Entrevista concedida a Marcos Moura Menezes**. Picos-PI, 24 mar. 2022. 1 arquivo áudio; 25 minutos.

SILVA, Fabio Henrique Monteiro. Memória, sensibilidades e cidade: uma abordagem sobre o carnaval, uma festa popular (São Luis- Ma). **Brathair (Online)**, v. 16, p. 288-302, 2016.

SOUSA, Patrick. **A Visão Panarômica Da História Da Educação No Piauí**. Recanto das letras. Universidade Estadual do Piauí- Campus de Picos, 2016.

SOUSA, H. C. M. Ginásio Picoense: História e Memória (1950-1971). *In*: Maria da Glória Ferreira Lima; Maria da Glória Carvalho Moura.. (Org.). **Formação De Professores E Produção Do Conhecimento: História Da Educação**. Teresina: EDUFPI, 2021, v. 1, p. 217-230.

SOUSA, Higo. **Documentário Exposição de aniversário de 129 anos de história Picos**. 2019.

TERRY, G.; HAYFIELD, N.; CLARKE, V.; BRAUN, V. Thematic analysis. *In*: ROGERS, W. S. e WILING, C. (Ed.). **The SAGE Handbook of Qualitative Research in Psychology**. London: SAGE Publications, 2017. p. 17-37.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. In: **Projeto História**, São Paulo, abr. 1997.

TIGHT, M. **Documentary Research in the Social Sciences**. London: SAGE Publications Ltd, 2019.

TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria**. Barcelona: Paidós, 2000.

VIEIRA, Maria Alveni Barros. **Educação e Sociedade Picoense: 1850 a 1930**. Teresina: EDUFPI, 2005.

VOLDMAN, Danièle. Definições e Usos. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2006. pp. 33-41.

SITES:

Prefeitura Municipal de Picos. Disponível em: <https://www2.picos.pi.gov.br/picos129anos/>. Acesso: 23 set. 2022.

REFORMAS ADVINDAS DA LDB DE 1971, O QUE PLANTAMOS, COLHEMOS... *Pedagogia ao Pé da Letra*, 2020. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/reformas-advindas-ldb-1971-que-plantamos-colhemos/>. Acesso em: 28 set. 2022.

ANEXOS

ANEXO I – ENTREVISTA - RITA DE CASSIA DOS SANTOS SILVA

Universidade Federal do Piauí – UFPI
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB
Coordenação do Curso de História
Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso – TCC I
Professor: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos
Aluno: Marcos Moura Menezes

Título do projeto de pesquisa:

HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO: OS DESAFIOS E PRÁTICAS DO SISTEMA EDUCACIONAL PICOENSE NA DÉCADA DE 1980.

Tema da Pesquisa: História e memória da educação escolar da cidade de Picos-PI, na década de 1980.

Tipo de Entrevista: Temática

Crítérios para seleção dos entrevistados: 1) Ter sido morador da cidade de Picos-PI, na década de 1980; 2) Ter idade igual ou superior a 47 anos; 3) Ter estudado ou ter feito parte do corpo docente de escolas públicas de Picos, na década de 1980.

ROTEIRO ENTREVISTA

Nome do entrevistado (a)	Rita de Cassia dos Santos Silva
Data de nascimento	03/12/1961
Profissão	Professora
Endereço	RUA TIRADENTES, 193. BAIRRO SÃO JOSE - PICOS.
E-mail / telefone	(89) 99991-0017
Local e Data da entrevista	RUA TIRADENTES, 193. BAIRRO SÃO JOSE -PICOS. 24/03/2022

QUESTIONÁRIO

1. De forma resumida, fale um pouco de sua história. De quando nasceu até hoje.

Eu nasci numa família que me proporcionou alimentação, moradia, proteção, sou filha de uma mãe analfabeta, mais uma mulher guerreira, uma mulher que sempre esteve a frente do seu tempo, que não se incomodava nem se restringia por ser analfabeta, filha de um homem alfabetizado, muito amado por todos, minha mãe teve treze filhos legítimos e alguns adotados, eu sempre tive o que quis, fui uma pessoa que trabalhou desde cedo, eu vendi cigarro eu vendi Whisky, fui professora do mobral, professora de pré-escola, eu fui uma pessoa que estudou cedo, passei a vida toda morando com meus pais logicamente. Depois fiz o curso primário fundamental, escola normal que naquele ano tinha os 4 anos adicionas né. Fiz um concurso em 1985 passei nesse concurso, fui chamada em 1986, depois trabalhei no Dirceu Arcoverde, depois fui transferida para picos trabalhei no Miguel Lidiano, trabalhei no Petrônio Portela, trabalhei no Francisco Santos, trabalhei na Escola Normal, trabalhei no Premem, Marcos Parente e por final eu terminei trabalhando no Vidal, onde fui professora de Biologia de química de física, depois fui diretora por duas vezes certo, depois fui laboratorista do centro de controle de zoonoses, depois fui coordenadora da vigilância sanitária de Picos por 5 anos e meio, fiz parte do conselho diocesano de Picos da Igreja católica, fui da pastoral familiar e ultimamente estou sendo dona de casa e ministra da eucaristia. Casei com Moacir Vicente, tive três filhos maravilhosos, o Rafael a Raniele e Raniel, o Rafael tem curso de contabilidade e o curso de gastronomia, a Raniela é fisioterapeuta e o Raniel tem direito.

2. Quais suas lembranças sobre as escolas públicas da cidade de Picos, na década de 1980? Quantas existiam? Em que bairros estavam localizadas? Qual o nome dessas escolas? Que nível de ensino ofertavam (1º ou 2º grau)?

Existia o Petrônio Portela, o Justino luz, o Marcos Parente e Vidal de Freitas, tinha a escola normal, tinha o coelho rodrigues, eram as escolas que tinham naquela época, algumas eram escolas primarias,, outros ensinavam o ensino fundamental que chamava de segundo grau, logicamente também tinha dona Dorinha que era particular que tinha contabilidade também

né, nessas escolas existiam tudo que precisava ter, umas escolas em que os professores nem todos eram formados mas tinham mais responsabilidade mais compromisso com a educação logicamente, eu comecei a trabalhar nessa época e aprendi a ser responsável como educadora por conta de ter professores responsáveis e competentes, alguns não tinham ensino superior mais eram pessoas que realmente fez a sua parte deixou um trabalho digno, bem diferenciado dos dias atuais onde a maior parte dos professores ver a educação como um bico, sempre tendo a educação e outros empregos, então naquela época era bem diferenciado.

3. Em que escolas você estudou na cidade de Picos, na década de 1980? Como eram os espaços físicos delas? (Quantidade de salas, pátio, quadra de esportes, cantina, diretoria, sala de professores, biblioteca etc.

Em 1984 terminei meus estudos na escola normal, atuei como professora de 1986 para frente na escola Miguel Lidião por uns 3 anos, depois é que fui para o Petrônio Portela, logicamente essas escolas tinham tudo que era necessário para a época, tinha quadra de esportes, não como as de hoje, mais tinha quadra, tinha cantina, tinha diretoria, sala dos professores tinha biblioteca, alguns eram mais simples e outras mais complexas logicamente, eram escolas bem conservadas.

4. A escola que você estudou ficava próximo de sua casa? Como você ia até a escola? A pé ou usava algum meio de transporte?

Eu trabalhava lá no Miguel Lidião né, nessa época tinha o ônibus do batalhão, aí o pessoal do 3º BEC eles vinham deixar os alunos no colégio das irmãs e nas escolas particulares aí na volta eles levavam os professores que trabalhavam no junco, era um acordo do estado com o BEC, tinha esses acordos tinha o ônibus do batalhão só que a gente não podia atrasar nenhum minuto porque eles tinham o horário certo, era bem rígido o horário, aí a gente ia pra lá. Em termo de estudante não tinha aquela época transporte para estudante, eu sempre estudava perto de casa, o lugar mais longe que eu estudei foi a escola normal, para estudar na escola normal e para estudar nas demais escolas que eu estudei, primário, ensino fundamental e segundo grau sempre a gente ia a pé ia e voltava a pé, não tinha transporte.

5. Você sabe informar se os professores da escola que você estudou, eram formados na universidade, com curso superior? Ou era formado com o curso Pedagógico, de nível médio? Você percebia que eles eram bem qualificados ou que tinham dificuldades na matéria que ministravam?

Poucos tinham curso superior, outros tinham curso pedagógico de ensino médio, alguns tinham um pouco de dificuldade, mas eram responsáveis, e procuravam sempre dá o melhor ensino.

6. Como o professor ministrava suas aulas? Qual metodologia e recursos ele usava?

Quando eu estudava na escola normal logicamente tinha um retroprojeter que era mais sofisticado, tinha o seriado tinha apostila, cartazes, eram com essas coisas que os professores davam aula.

7. Como era a organização do ensino? Os alunos eram divididos por série, idade, sexo, grau de dificuldade ou todos ficavam juntos?

Naquele tempo era tudo por serie, não existia tanta coisa era tudo por serie, logicamente aqueles alunos que eram mais atrasados que tinha mais dificuldade com o aprendizado logicamente ele ficava no recreio com a professora, ele chegava mais cedo, saia mais tarde para a professora da um pouco de reforço pra ele, mais não tinha esse negócio de separar, as pessoas que tinham um pouco mais de dificuldade logicamente tinha mais deveres para ele, a professora chamava mais atenção deles, procurava sempre chamar a atenção né, eu como professora naquela época comecei em 86 87, logicamente já havia aquele coisa manual da gente rodar, passava para o extensivo a álcool e passava os devezinho, a gente colocava na máquina e rodava os dever e fazia, fora as apostilhas e os poucos livros que haviam.

8. Quais eram as disciplinas (matérias) estudadas? Qual delas você mais gostava?

Logicamente existia uma organização muito boa, as disciplinas tinha a grade curricular que era um pouco diferenciado de hoje logicamente, existia pra quem tinha o ensino fundamental,

havia disciplinas simples, é geografia história português, matemática ciências, , inglês, educação para o lar, no ensino fundamental, quando era no segundo grau tinha a OSPB, tinha programa de saúde, tinha educação religiosa, que hoje realmente saiu da grade, não tinha nessa época o ensino Afro que hoje é obrigatório ter e que hoje já estão tirando das escolas, ter o ensino afro se faz fundamental.

9. Havia material escolar disponível para os alunos (livros, cadernos, lápis, borracha etc.)? Se não, como os alunos acompanhavam as aulas?

Algumas disciplinas tinham livros didáticos logicamente, nas escolas de ensino fundamental davam lápis, coleção caderno de desenho e algumas coisas, não davam era bolsas como dão hoje mochila farda, não davam isso, mais as pessoas iam do jeito que podiam e do jeito que davam e como suas condições davam para ir.

10. Havia merenda para os alunos? Se sim, quais eram as comidas, como eram preparadas e servidas?

Nossa, sempre existiu merenda, logicamente não era como a de hoje, era leite da gogoia era cuscuz, era macarrão com sardinha, era bolacha com suco, um pouco parecido com hoje, só que hoje tem mais ingredientes tem mais verduras tem essas coisas todas, tem alface, tem cenoura batatinha essas coisas todas, tem frango e carne moída diferenciado de antigamente , de primeira já tinha aquelas merendas já prontas aqueles arroz com uma mistura já pronta né já com a carne dentro fazia só botar no fogo e já fazer, tinha carne de jabá essas coisas assim. Tinha as merendeiras que faziam, ou eram na cantina ou a professora já levava todo mundo na fila para já ficar esperando a merenda.

11. Em que horário vocês estudavam? Quanto tempo duravam as aulas? Havia intervalo entre as aulas? Se tinha, o que vocês faziam nesse momento de folga?

De primeiro não existia intervalo entre uma aula e outra, só existia intervalo na hora do recreio, os alunos jogavam bola, jogavam cemitério, outros iam brincar da pega, de elástico essas coisas assim mais simples, pular elástico pular corda. Amarelinha.

12. A escola que você estudou realizava eventos festivos, como gincanas, feiras culturais, desfiles cívicos, passeios? Se sim, como eram esses eventos?

Naquele tempo não existiam muitas festas culturais, existiam gincanas muito poucas nas escolas maiores, mais as datas comemorativas todas elas eram comemoradas, como o dia das mães, dia dos pais, dia do estudante, dia das crianças são João eram todas comemoradas, de forma simples mais bem organizadas

13. Havia avaliações (provas) para medir o conhecimento dos alunos? Se tinham, como eram essas avaliações?

Existia prova de todas as disciplinas, então quando era o ensino fundamental você fazia a prova de português a prova de matemática, a prova de ciências, quando eu comecei a lecionar a gente fazia a prova de ciências, a prova de geografia, mais era uma coisa bem simples para o ensino fundamental, você dava meio ponto um ponto pelas tarefas feitas, existia o comportamento, as professoras cobravam muito essas coisas assim também né, hoje é muito diferenciado de antigamente, não dizendo que hoje as escolas, onde essas aulas que você vai compor, fazer, formar o que você quer não seja vantajoso, é lógico que é vantajoso, mais antigamente o aprendizado era melhor porque o professor tinha responsabilidade, tinha vontade de fazer aquilo, hoje em dia como eu disse que você nas outras questões, as pessoas veem a educação muito como um bico, então deixa muito a desejar, mesmo sendo uma visão moderna mais eu acho que uma visão moderna se faz necessário também ter pessoas capacitadas para isso.

14. Como eram as relações entre professores e alunos e, entre alunos e alunos?

Existia um distanciamento entre o professor e aluno, a gente tinha o maior respeito, professor é como se fosse pessoas da família, é como se fosse uma autoridade, tinha aquele respeito muito grande, nas escolas que eu estudei não existia esse negócio de medo de professor, medo disso ou medo daquilo não, existia simplesmente um respeito pelos professores. Sempre houve aluno danado, sempre houve aluno rebelde, sempre houve e sempre vai existir.

15. Havia castigos para os alunos que não se comportavam bem durante as aulas ou que não realizavam as tarefas de casa? Se sim, quais eram esses castigos? Os pais dos alunos apoiavam essas formas de punição?

As pessoas que não faziam o dever de casa tinham um recadinho para as mães, ficava sem recreio, ficava depois da aula, as vezes perdia alguns décimos, tinha reunião de pais e mestres onde eram comunicados como estavam seus filhos como não estavam, essas coisas assim.

16. Os pais acompanhavam o desenvolvimento escolar dos filhos? Se sim, como faziam? (Conversavam com o professor, participavam de reuniões escolares, ajudavam os filhos a fazerem tarefas de casa etc.)

Logicamente que as pessoas que moravam aqui na cidade os pais tinham responsabilidade de saber, mais o pessoal se conhecia e mesmo aqueles que não iam pra reunião quando se encontravam perguntavam ou como é que tá meu filho, e as pessoas diziam como é que tava o filho da pessoa, eu mesmo passei muito recado, você morava no bairro ou perto todo mundo se conhecia a cidade menor e todos se conheciam, então tinha como você se comunicar com os pais na hora que fosse necessário, e se fizesse necessário.

17. A educação escolar dos filhos era prioridade para os pais? Ou os alunos trabalhavam e estudavam?

Eu vivi em uma comunidade que os pais sempre quiseram que os filhos estudassem, sempre, é logico que tem as exceções né, mais noventa e cinco por cento sempre quis e hoje é cem por cento que quer que os filhos estudem, hoje os pais só querem que os filhos estudem, que os filhos se deem bem na vida, que os filhos cresçam, se desenvolvam, sirvam bem, essas coisas assim de primeiro não eram diferentes.

.

ANEXO II – ENTREVISTA - FRANCISCA DARC CARDOSO DO NASCIMENTO

Universidade Federal do Piauí – UFPI
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB
Coordenação do Curso de História
Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso – TCC I
Professor: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos
Aluno: Marcos Moura Menezes

Título do projeto de pesquisa:

HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO: OS DESAFIOS E PRÁTICAS DO SISTEMA EDUCACIONAL PICOENSE NA DÉCADA DE 1980.

Tema da Pesquisa: História e memória da educação escolar da cidade de Picos-PI, na década de 1980.

Tipo de Entrevista: Temática

Crítérios para seleção dos entrevistados: 1) Ter sido morador da cidade de Picos-PI, na década de 1980; 2) Ter idade igual ou superior a 47 anos; 3) Ter estudado ou ter feito parte do corpo docente de escolas públicas de Picos, na década de 1980.

ROTEIRO ENTREVISTA

Nome do entrevistado (a)	Francisca Darc Cardoso do Nascimento
Data de nascimento	21/09/1968
Profissão	Professora.
Endereço	Conjunto Habitacional Luiza Gomes de Medeiros, Quadra 67, Casa 14, Bairro Morada Nova / Picos-PI
E-mail / telefone	(89) 98814-6036
Local e Data da entrevista	Conjunto Habitacional Luiza Gomes de Medeiros, Quadra 67, Casa 14, Bairro Morada Nova / Picos-PI. 22/03/2022

QUESTIONÁRIO

1. De forma resumida, fale um pouco de sua história. De quando nasceu até hoje.

Eu sou Francisca Darc Cardoso do Nascimento, nasci de uma família muito pobre, graças a Deus fui a primeira da minha família tanto do meu pai quanto da minha mãe a ter nível superior, a concluir a universidade, graças a deus, estudei em escola pública a vida toda desde meus primórdios e iniciei a minha vida escolar ainda na casa da professora Maria do Carmo, a saudosa professora Maria do Carmo, ela ensinava o B.A.BA como chamava na época, eu tenho 53 anos. Já existia algumas escolas de pré-escola, mais minha mãe não conseguia me colocar e por conta disso eu estudei dos 5 anos e meio até os 7 anos com a professora Maria do Carmo na casa dela, quando eu entrei no colégio com 7 anos de idade eu já sabia ler algumas palavras e escrever o nome o alfabeto, como fazer algumas contas, já era como se tivesse pré-alfabetizada, porque naquela época aluno só começava a estudar com 7 anos de idade, filha de lavradeira e de pai alcoólatra tive muitas dificuldades, quando terminei o ginásio minha mãe estava muito doente, ela sempre foi quem bancou a gente quem sustentou a casa, quem cuidou da gente ai pra mim fazer a escola normal, quando eu terminei o ginásio, que é o ensino fundamental hoje na Escola Vidal de Freitas, eu escolhi fazer pedagógico na escola Normal, só que tinha muitas exigências na época, a diretora era dona Zizi era muito rigorosa, era como se fosse uma escola particular, a começar pela farda eu não tinha condição de comprar farda, os livros naquela época também era comprado, tudo era comprado, e ai eu sai de porta em porta pedindo emprego até que eu consegui emprego na Pinguim Refrigeração na época Edvaldo da Silva Passos o irmão do Genival que era dono da Pinguim ele me deu parte dos meus livros de presente né graças a Deus, ele se solidarizou com a minha situação e com a minha garra e determinação de querer continuar estudando né. Meu pai era uma pessoa totalmente desregulada descompensada e a minha mãe doente e ai as minhas fardas foram amigos que deram um tio meu ajudou também, desde o pixute, naquela época era pixute e quem tinha um pixute era a coisa mais elegante do mundo, desde o pixute a blusa a saia tudo foram doações graças deus e eu comecei o primeiro ano normal, só que logo em seguida eu também comecei a namorar e comecei a dá fé do mundo e meu pai não era muito bom de cuidar de casa assim, de dá as coisas, mais ele era muito rigoroso nessa questão e não permitia que a gente namorasse, eu fugi pra casar e nessa fugida eu deixei os estudos e voltei só em 93 que voltei a estudar isso em 1986 eu estava no segundo ano normal quando eu fugi pra casar e ai só vim concluir a escolar normal em 94 fiz o terceiro ano, e logo em seguida já passei no vestibular, sou da primeira turma de 95.1 da Universidade Federal do Piauí do curso de pedagogia, curso do qual ainda era vestibular e eu passei em 3 lugar, ai fiz o curso mais casei

muito nova, fui mãe muito nova, os casamentos não deram muito certo e aí eu tive que cuidar dos meus filhos e quase fui jubilada na federal, para terminar a federal eu tive que ir até a reitoria em Teresina para assinar um termo de responsabilidade de compromisso no prazo mínimo em um prazo estipulado pelo reitor Pedro Leopoldino na época para que eu concluísse o curso e assim eu fiz. Concluí o curso mais quando eu concluí o curso eu já era concursada no município como professora. Minha jornada na federal foi incrível, em agosto de 2003 eu concluí meu curso e em novembro de 2003 eu volto para universidade federal como professora substituta graças a Deus, quando eu terminei a escola normal eu também voltei pra escola normal como professora substituta como professora em educação especial em sociologia. Então é assim, foram muitas vitórias e muitas conquistas, tudo que eu sonhei Deus realizou em termos de educação, fui professora na Universidade Federal por 5 vezes como professora substituta, fui 4 vezes na universidade estadual, fui substituta também no instituto federal do Piauí, graças a Deus me sinto realizada como professora mesmo porque por causa da saúde eu não consegui fazer o meu mestrado, meu tão sonhado mestrado, vou me aposentar sem ser mestre como eu tinha determinado por conta do meu problema de saúde e também sem ter um concurso superior na federal ou na UESPI que eu tanto almejei, mas é tudo dentro das condições que nos é permitido, infelizmente a minha saúde não permite esse sonho, hoje eu sou uma pessoa com muitas limitações com muitos problemas de saúde, mas avante, avante cheia de esperanças cheia de ideais, se Deus me permitir ainda faço mestrado, mesmo não servindo mais pra aposentadoria mas seria um sonho.

2. Quais suas lembranças sobre as escolas públicas da cidade de Picos, na década de 1980? Quantas existiam? Em que bairros estavam localizadas? Qual o nome dessas escolas? Que nível de ensino ofertavam (1º ou 2º grau)?

Tinha o Coelho Rodrigues, eu nunca estudei no Coelho Rodrigues, mais ele ficava ali onde é o museu hoje, eu fui lá como professora na época, na época no 1º ano eu fui como observação estagio, mais como aluna eu não fui aluna do Coelho Rodrigues, aí tinha o Landri Sales, que foi onde eu estudei, o Justino Luz que era ali onde está totalmente depredado um prédio abandonado fica por trás do Ozildo Albano, era o Landri Sales e o Justino Luz, tinha a Escola Normal que ficava ali na avenida Getúlio Vargas, que tinha as duas saídas uma pra praça e outra pra rua Santo Antonio, quando eu estudei na Escola Normal em 85 e 86 foi exatamente nesse espaço, tinha o Vidal de Freitas e o Marcos Parente eu estudei nessas duas escolas na década de 80, tanto no Vidal como no Marcos Parente tenho lembranças incríveis e

maravilhosas de lá e é isso. Como eu morava aqui no centro eu lembro das escolas aqui do centro.

3. Em que escolas você estudou na cidade de Picos, na década de 1980? Como eram os espaços físicos delas? (Quantidade de salas, pátio, quadra de esportes, cantina, diretoria, sala de professores, biblioteca etc.)

Eu costumo dizer que as escolas da década de 80 eram muito melhores do que as escolas do município hoje que as salas são muito apertadas e muito lotadas, pequenas e tudo. A escola Landri Sales que foi onde eu fiz todo o meu primário de primeiro a terceiro ano, do quarto eu já fui pro Justino Luz, uma escola bem ampla de salas grandes, a estrutura ainda é a mesma hoje a do Landri Sales, as reformas que aconteceram lá foram mínimas, mais o pátio e o mesmo a salas de aula, eu me lembro como se fosse hoje eu pequenininha estudando naquela escola e o no Justino Luz era uma escola muito grande com arvores, castanholas, as salas bem arejadas, bem grandes, bem espaçosas, sabe tudo bem planejado, no ginásio no Marcos Parente e Vidal de Freitas também continua a mesma estrutura da década de 80 não mudou nada, a não ser essa questão de quadra, eu acho que foram feitas algumas quadras lá, mais o Vidal de Freitas já tinha quadra, espaços muito arejados, então assim são escolas muito boas que ainda continuam tendo o mesmo espaço, a mesma estrutura da década de 80, as escolas que eu estudei do estado todas muito boas. De 76 eu comecei a estudar, então na década de 80 eu estudei no Coelho Rodrigues, Landri Sales, Justino Luz, Marcos Parente e Escola Normal, sai da escola normal em 86 no segundo ano, então eu estudei em todas essas escolas.

4. A escola que você estudou ficava próximo de sua casa? Como você ia até a escola? A pé ou usava algum meio de transporte?

Todas elas foram a pé, minha mãe não tinha condição de dá bicicleta para a gente não, mas a maior distância era do ginásio do Vidal de Freitas e no Marcos Parente, porque eu morava ali na rua 3 de maio, por trás da rua Josino Ferreira certo, onde fica o museu, e eu estudava na bomba, que na época era uma complicação para passar esse balão, foi quando fizeram esse viaduto por conta do grande fluxo de alunos né, não tinha transporte. Esse viaduto que hoje é pra ser demolido ele serviu muito naquela época para que a gente fizesse essa travessia de

casa para o outro lado do ginásio né, transporte não existia transporte escolar, pelo menos do meu conhecimento não existia transporte escolar, verdade não existia nem material escolar.

5. Você sabe informar se os professores da escola que você estudou, eram formados na universidade, com curso superior? Ou era formado com o curso Pedagógico, de nível médio? Você percebia que eles eram bem qualificados ou que tinham dificuldades na matéria que ministravam?

Na normal eu tive a sorte graças a Deus eu tive a sorte, eu amo tanto a educação e sempre quis ser professora porque tive a sorte de ter bons professores graças a Deus, bons professores até de educação física, a ponto de desmaiar na aula de educação física por desidratação mesmo e o professora me levar pra casa para alimentar, para cuidar de mim, eu tive sorte de ter bons professores, professores humanos, professores capacitados, preparados, me lembro muito bem dos meus professores e no ginásio não foi diferente certo, sempre me envolvi com a questão de militância com a questão estudantil, greve de professores, então assim, eu não tenho o que reclamar dos meus professores não, graças a Deus, eram professores preparados, a formação dele, por exemplo Dona Remedinha que chamavam ela Dona Remedinha boca de coró, que era a professora de matemática, muito rigorosa mais uma pessoa de uma habilidade com o ensino de matemática sobrenatural certo, fascinante, a professora Gracinha Formiga que era a professora de Ciências naquela época no nono ano que era a oitava série na época. Química e física na época também não deixava a desejar, a professora Isabela de língua portuguesa, poxa eu me lembro dos meus professores, a professora de filosofia, a professora de sociologia no ensino médio já que era o segundo grau como chamava na época, então assim, eu não tenho o que reclamar de meus professores não. Hoje por exemplo para lecionar matemática no ensino fundamental 2 você tem que ser formado em matemática, eu não sei se elas tinham essa formação de matemática entendeu, ou se era só o pedagógico como na época, não sei se meus professores tinham essa formação superior não, eu acredito que eles vieram a fazer depois da abertura das universidades aqui em picos, mais não tenho muito conhecimento, algumas delas fizeram normal fora de Picos porque ainda não existia aqui escola normal.

6. Como o professor ministrava suas aulas? Qual metodologia e recursos ele usava?

Totalmente tradicional, mais o aluno aprendia sabe, era totalmente tradicional e eu costume dizer que existe muita coisa boa em todas as metodologias, em todos os métodos de ensino, porque era totalmente tradicional não tinha esse negócio de cartaz, a não ser a professora de ciências que fazia uma experienciuzinha com um carroço de feijão dentro do algodãozinho, de vez enquanto, levava a gente pra fora pra ver uma folha cair da árvore, a raiz, o caule, as folhas e frutos, do pé de castanhola, mais assim o recurso era giz e quadro negro, e o livro didático dela, porque nós era só quando sobrasse, se comprasse se os pais tivessem condição, essa coisa toda. Tinha o deverzinho de classe o deverzinho de casa aquela coisa bem tradicionalzinha mesmo básica sabe, sem muita inovação, sem muitos recursos, mais aluno aprendia, existia um respeito sobrenatural com o professor sabe, um respeito muito grande, praticamente não existia escola particular, então escola pública era mais valorizada sabe, ela era mais respeitada e mais conceituada eu vejo assim.

7. Como era a organização do ensino? Os alunos eram divididos por série, idade, sexo, grau de dificuldade ou todos ficavam juntos?

Por serie, primeira série, segunda série, terceira série, detalhe o aluno que não tivesse acompanhamento em casa e que não tivesse interesse mesmo ele ficava ali naquela serie não tinha esse negócio não, e era aluno interessado como eles chamavam a gente, os alunos interessados e os desinteressados e pronto e acabou, certo, não tinha essa questão de se preocupar com a questão social do aluno, com a questão econômica não, era voltado o ensino tradicional para todos, se aprendesse daquele jeito bem, se não aprendesse também ia ficar daquele jeito e acabou.

8. Quais eram as disciplinas (matérias) estudadas? Qual delas você mais gostava?

Matemática, português, ciências, história, religião e educação física, não era nem história era estudos sociais no primário, as disciplinas que predominavam que valiam mesmo nota, matemática, português, estudos sociais e ciências, ensino religioso se o aluno quisesse assistir bem, se não quisesse não tinha nota não tinha nada, e na maioria da vezes o professor só ensinava a gente só a rezar mesmo, e educação física tinha no contra turno, se eu estudasse de manhã minha educação física era de tarde e vice-versa, ai a gente vai pro ginásio, no ginásio continua a mesma coisa, sendo que muda ai química e física, la no nono ano, estudos sociais já é dividido com história e geografia, mais a disciplina continua sendo estudos sociais, mais ai começo o ensino tecnicista, com as disciplinas que você tem que escolher na sétima e

oitava série, você poderia escolher, educação para o lar, técnicas agrícolas, técnicas comerciais e técnicas industriais, você escolheria quais dessas disciplinas você queria cursar, que era uma formação para a preparação pra o mercado de trabalho. Educação para o lar ensinava as meninas a cozinhar, passar, costurar essa coisa toda, técnicas agrícolas era a questão das ortas né, ensinava o manejo da terra, as hortas, técnicas industriais, tinha uma mini indústria montada dentro da escola do Vidal de Freitas, onde a gente tinha essas aulas pra ver as maquinas, e técnicas comerciais também tinha o professor que ensinava a gente a a tirar nota fiscal a comprar a vender, essas coisas todas a ter uma noção de comercio, certo isso na década de 80, tem um pouco so ensino tecnicista. Ai quando eu vou pra escola normal ai sim, a gente já ver uma divisão bem ampla de disciplinas, português história, geografia, OSPB e IMC, educação moral e cívica, e de vez enquanto andava um inspetor na janelinha da porta da sala para ver como era que estava sendo ensinado, né ainda existia isso, era muito duro o ensino, lembro-me de algumas vezes uma inspetora, na janela tinha um vidrozinho e ficava aquela pessoa na porta de vez enquanto, já existia filosofia na década de oitenta só que não ensinava a pensar não era pra reproduzir aquilo que o professor dissesse, não tinha esse negócio de ensinar a pensar dentro da filosofia não.

9. Havia material escolar disponível para os alunos (livros, cadernos, lápis, borracha etc.)? Se não, como os alunos acompanhavam as aulas?

Na verdade todo o fundamental 1 e 2 era escrita, na sétima série e na oitava série já tinha os livros né, mais até a quinta série, sexta série se os pais tivessem condição de comprar bem, se não aluno ficava lá, eu muitas vezes fui pra casa de minhas professoras pra estudar com elas, pra pegar material com elas, fazer as atividades com elas, porque eu queria vencer na vida, eu não queria ser lavadeira que nem minha mãe, não desonrando a profissão dela, mais é porque era muito sofrido pra ela, era muito doloroso, e ai eu queria ser gente, olha só a colocação o pensamento de quem tinha ensino, de quem conseguia sobressair na vida, era como se as outras pessoas não fosse gente, então assim, os livros eram de difícil acesso, o conteúdo era colocado no quadro o aluno copiava, era assim, a metade da aula o aluno copiava do quadro e fazia o dever de classe, da outra metade era o dever de casa, pronto, tudo copiado do quadro, era aquelas questõezinhas básicas, um questionário de dez questões, muitas vezes para fazer uma prova de cinco questões, entendeu, era isso, se você tivesse o poder de decorar você não tinha como ficar no ensino na década de 80 não.

10. Havia merenda para os alunos? Se sim, quais eram as comidas, como eram preparadas e servidas?

Tinha carne de Jabá com arroz, tinha sopa de marcarão com carne de jabá, tinha macarrão com sardinha, tinha uns mingaus muito gostosos, era mingau de milho, mais ai já era diferente já vinha preparado, era isso, tinha umas farofas de cuscuz, tinha uns leites da gogoia, leite da gogoia com biscoito com bolacha maria, aquela bolachona grande.

11. Em que horário vocês estudavam? Quanto tempo duravam as aulas? Havia intervalo entre as aulas? Se tinha, o que vocês faziam nesse momento de folga?

Tinha intervalo era muito gostoso os recreios, a única coisa que realmente o governo dava era merenda escolar, teve um tempo até que faltou merenda escolar, ai o momento do recreio era o momento da alimentação o momento de brincar de correr no pátio, de pular corda, de pular macaco, sempre tinha um intervalo e o recreio era bem maior do que agora de 15 minutos, era um recreio muito gostoso não tinha muito essas confusões que tem agora, esses bullying, era sim muito gostoso, você está me fazendo fazer uma viagem no túnel do tempo e me recordar de coisas interessantíssimas que acontecia, por exemplo, quando a gente estava enjoado do mingau da escola, da carne de jabá de alguma coisa assim. Eu estudei pela manhã todo o fundamental 1, e o início do fundamental 2 eu ainda estudei pela manhã e depois fui estudar a tarde, e pela manhã a gente deixava de tomar café para poder levar o beiju ou cuscuz ou um biscoito para escola para ajuntar, ajuntava aquele grupo de amigos de amigos para vida, o grupinho que ficava nós cinco que ficávamos todo o recreio juntas hoje somos comadres, isso desde o fundamental 1, fizemos o fundamental 1 e 2 juntos, fizemos escola normal juntos.

12. A escola que você estudou realizava eventos festivos, como gincanas, feiras culturais, desfiles cívicos, passeios? Se sim, como eram esses ventos?

Acontecia na escola a festa do dia das mães, isso eu me recordo muito bem né na década de 80, festa do dia das mães, dia do estudante, dia do professor, sempre tinha essas festas na escola que eu gostava de participar, eu sempre participava recitando poesia ou poema certo,

sempre existia, nas datas comemorativas existiam as festas, agora são João eu não me lembro na escola, se aconteceu eu não participei, mais festa de dia das mães, dia dos pais, dia do professor, dia do estudante tudo isso eu me recordo muito bem que aconteciam, a semana santa também as questões religiosas, as via sacra na escola e tudo acontecia.

13. Havia avaliações (provas) para medir o conhecimento dos alunos? Se tinham, como eram essas avaliações?

As provas aconteciam todos os meses, e recuperação. Na década de 80 era só recuperação mesmo, não tinha esse tanto de recuperação que tem agora não, só na escola normal que tinha a questão de um peso, tinha a recuperação e tinha peso, você fazia a recuperação, eliminava todas as notas e você ia pra prova final com o peso 3 e ai se você conseguisse a quantidade de pontos você conseguia passar de ano, mais não tinha esse tanto de recuperação que tem hoje no sistema educacional não.

14. Como eram as relações entre professores e alunos e, entre alunos e alunos?

Respeitosa, amigável e autoritária, o professor era lá na dele, no birô pra trás com o quadro de giz e o aluno na sua carteira, não tinha muito essa questão de intimidade como hoje que eu tenho uma relação super gostosa com meus alunos, a gente faz amizade que meu Deus é pra vida inteira, era o professor de sala de aula, não tinha essa questão de amizade, e sim alguns professores como a professora de estudos sociais por ela já ter uma amizade com a minha família, eu ia pra casa dela pra estudar pegar o livro e tudo, essa coisa toda, mas também tinha uma relação humana, eles se importavam com a questão por exemplo, a minha professora de educação física aconteceu um episódio que eu desmaiei na aula de educação física por desnutrição mesmo, por fome, e ela me levou pra casa dela pra dá leite, biscoito essas coisas todas, mais foram casos isolados certo, nada de afago, era mais algo muito respeitoso certo. Logo o aluno tinha aquele respeito de autoridade para com o professor, professor era considerado como um mestre mesmo, era algo reverenciado, então era uma relação de respeito, de ensino e aprendizagem, certo, onde professor ensinava e aluno aprendia se quisesse, se desse, se prestasse atenção e tivesse condição, não tinha muito essa questão de ser de acordo com a condição do aluno não, ter método de aprendizagem para cada aluno individualmente, não existia isso não.

15. Havia castigos para os alunos que não se comportavam bem durante as aulas ou que não realizavam as tarefas de casa? Se sim, quais eram esses castigos? Os pais dos alunos apoiavam essas formas de punição?

Sim, sim, tinha palmatoria, tinha que ficar de joelho no canto da parede, certo, tinha professor que colocava até caroço de milho, tinha sim, tinha castigo sim, aluno que desobedecesse, aluno que conversasse, aluno que não acertasse a tabuada, o coleguinha dava a palmatoria na mão do outro, era bem rígida, uma educação bem rígida, bem tradicional mesmo.

16. Os pais acompanhavam o desenvolvimento escolar dos filhos? Se sim, como faziam? (Conversavam com o professor, participavam de reuniões escolares, ajudavam os filhos a fazerem tarefas de casa etc.)

Tinha reunião sim, recebia o boletim, e tudo, mais a maioria das vezes os pais eram chamados na escola pra entregar o boletim no final do semestre, né ou então eles eram chamados mais quando o aluno era desobediente ou quando estava com notas baixas, quando estava dando algum trabalho, mais não tinha essas reuniões como agora periodicamente não né, mais os pais acompanhavam, se não acompanhasse os alunos não rendiam e mesmo aqueles pais que não fossem na escola que não tivessem aquela responsabilidade, aquele compromisso o aluno tinha a obrigação de respeitar.

17. A educação escolar dos filhos era prioridade para os pais? Ou os alunos trabalhavam e estudavam?

A minha ela sempre teve muita preocupação em nos dá estudo, ela não aceitava que a gente trabalhasse né, , eu comecei a trabalhar quando eu fui fazer a escola normal, o ensino médio, o segundo grau na época, foi quando ela adoeceu e não tinha mais condição de bancar os estudos da gente e ai eu fui trabalhar, comecei a trabalhar na Pinguim Refrigeração, foi meu primeiro emprego né, eu trabalhava de dia e estudava a noite, mais minha mãe ela sempre priorizou muito a educação dos filhos, ela achava que a educação era tudo e que precisava a gente realmente entender que precisava estudar mesmo, e ela se esforçava, ela participava das reuniões, ela fazia de tudo pra dá o material da gente, pra que a gente pudesse estudar com

qualidade, mas isso não era via de regra não , não era geral não, mais os pais não tinham muito essa preocupação não, se os filhos quisessem estudar bem se não.

ANEXO II – ENTREVISTA - JOÃO MARQUES RUFINO

Universidade Federal do Piauí – UFPI
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB
Coordenação do Curso de História
Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso – TCC I
Professor: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos
Aluno: Marcos Moura Menezes

Título do projeto de pesquisa:

HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO: OS DESAFIOS E PRÁTICAS DO SISTEMA EDUCACIONAL PICOENSE NA DÉCADA DE 1980.

Tema da Pesquisa: História e memória da educação escolar da cidade de Picos-PI, na década de 1980.

Tipo de Entrevista: Temática

Critérios para seleção dos entrevistados: 1) Ter sido morador da cidade de Picos-PI, na década de 1980; 2) Ter idade igual ou superior a 47 anos; 3) Ter estudado ou ter feito parte do corpo docente de escolas públicas de Picos, na década de 1980.

ROTEIRO ENTREVISTA

Nome do entrevistado (a)	João Marques Rufino
Data de nascimento	01/08/1966
Profissão	Servidor Público
Endereço	Rua Expedito Cortez, 531 / Passagem das Pedras, Picos-PI
E-mail / telefone	(89) 99986-8432
Local e Data da entrevista	Rua Expedito Cortez, 531 / Passagem das Pedras, Picos-PI. 21/03/2022

QUESTIONÁRIO

1. De forma resumida, fale um pouco de sua história. De quando nasceu até hoje.

Meu nome é João Marques Rufino, e eu nasci no povoado Coroatá, distante a 18 quilômetros aqui da sede do município e comecei o meus estudos lá no interior, aquela época a gente só começava a estudar lá só aos sete anos de idade, fiz os meus primeiros anos no interior, depois foi que vim estudar na cidade, já a partir da quinta série como a gente chamava naqueles anos, e estudava e na época das férias eu sempre voltava para o interior pra ajudar os meus pais naquela labuta diária da roça, ajudando a olhar o gado, botar água pra o gado, ajudava em diversos fatores ajudava o meu pai na roça e na época das aulas eu voltava pra cidade para continuar os estudos na cidade.

2. Quais suas lembranças sobre as escolas públicas da cidade de Picos, na década de 1980? Quantas existiam? Em que bairros estavam localizadas? Qual o nome dessas escolas? Que nível de ensino ofertavam (1º ou 2º grau)?

Lembro sim, quando eu vim estudar aqui existia o Colégio Marcos Parente, que fica ali no bairro Bomba, próximo a ele o Vidal de Freitas, existia o coelho rodrigues que ficava no centro da cidade, tinha a escola Normal, tinha o Petrônio Portela, Landri Sales, na época tinha o primeiro grau e tinha o segundo grau que era o caso da Escola Normal Oficial de Picos, que era aqui na área central.

3. Em que escolas você estudou na cidade de Picos, na década de 1980? Como eram os espaços físicos delas? (Quantidade de salas, pátio, quadra de esportes, cantina, diretoria, sala de professores, biblioteca etc.)

Eu estudei no colégio Marcos Parente e no Petrônio Portela lá do Bairro São José, e também no Vidal de Freitas, estudava o primeiro Grau que hoje é o ensino fundamental, os espaços físicos eram bons, principalmente dos colégios Vidal de Freitas e Marcos Parente, eram sala espaçosas, tinha área de lazer, quadra, era escola que tinha um bom espaço para os alunos, tinha biblioteca, na época não tinha internet e o que a gente recorria para fazer trabalhos e as coisas era livros na biblioteca.

4. A escola que você estudou ficava próximo de sua casa? Como você ia até a escola? A pé ou usava algum meio de transporte?

As escolas não ficavam tão próximas da minha casa mais eu ia a pé, no interior também quando eu estudei era bem pertinho de casa a gente ia a pé também.

5. Você sabe informar se os professores da escola que você estudou, eram formados na universidade, com curso superior? Ou era formado com o curso Pedagógico, de nível médio? Você percebia que eles eram bem qualificados ou que tinham dificuldades na matéria que ministravam?

Olha Marcos a maioria dos professores dessa época eles tinham apenas o pedagógico da escola normal, ai tinha alguns que tinham formatura que eles iam para outros estados, para outras cidades se qualificar melhor, mais eram bem poucos. A maioria eram qualificados aqui mesmo na Escola Normal. Para época eram bem preparados, era ensino bom, de qualidade, eram professores que tinham reponsabilidade que se dedicavam para dá aula, planejavam suas aulas, eram aulas planejadas.

6. Como o professor ministrava suas aulas? Qual metodologia e recursos ele usava?

Naquele tempo era no pó de giz, o quadro que tinha lá e era nas fileiras na sala de aula, sempre um atrás do outro, todo mundo em silêncio, naquele tempo todo mundo respeitava os professores, era um ensino bom, de primeira qualidade. Os alunos acompanhavam as aulas atentos.

7. Como era a organização do ensino? Os alunos eram divididos por série, idade, sexo, grau de dificuldade ou todos ficavam juntos?

Na minha época era dividido por serie, era homem e mulher tudo junto e misturado, as vezes tinha alunos com diferença de idade, não com muita diferença mais com pouca diferença tinha sim, com certeza, e a maioria naquele tempo já vinha do interior já atrasado, a gente já começava a estudar já com 7 anos de idade, alguns entravam atrasados sim.

8. Quais eram as disciplinas (matérias) estudadas? Qual delas você mais gostava?

Tinha matemática, português, ciências, geografia, OSPB, moral e cívica, que hoje acho que não existe mais, umas delas eram essas, a OSPB era mais ligada a essa questão da moral e cívica, os ensinamentos, ensinavam as coisas do dia a dia pra gente, era aula importante na época. Eu gostava bem da matemática, porque a matemática é aquela história você faz as somas e dá um resultado exato, e eu gostava muito de matemática, era muito dedicado a matemática.

9. Havia material escolar disponível para os alunos (livros, cadernos, lápis, borracha etc.)? Se não, como os alunos acompanhavam as aulas?

Na minha época só distribuía alguns livros, outros a gente comprava, o restante do material era todo comprado, geralmente era só o caderno e dois lápis comum e a caneta azul, naquele tempo a gente acompanhava o professor com o livro e no quadro, muitas tarefas o professor copiava no quadro e a gente passava para o caderno para responder em casa as tarefas ne.

10. Havia merenda para os alunos? Se sim, quais eram as comidas, como eram preparadas e servidas?

Nessa época nos colégios que eu estudei não tinha merenda na escola. A gente fazia a refeição em casa e ia pro colégio. Quem tinha um dinheirinho comprava lá porque tinha uns vendedores que vendia lá na porta do colégio, mas o colégio mesmo não distribuía merenda nessa época.

11. Em que horário vocês estudavam? Quanto tempo duravam as aulas? Havia intervalo entre as aulas? Se tinha, o que vocês faziam nesse momento de folga?

Eu estudei um período a tarde e u pequeno período à noite, no período da tarde se eu não estou enganado era o tempo de quatro horas, a noite também, tinha o intervalo som, um intervalo entre uma aula e outra e tinha o intervalo do recreio naquela época, no recreio os homens eram mais ficar brincando de bola, na folga do recreio a gente corria para quadra para jogar bola, a gente fazia bola até de papel para brincar.

12. A escola que você estudou realizava eventos festivos, como gincanas, feiras culturais, desfiles cívicos, passeios? Se sim, como eram esses ventos?

A sim, tinha desfile de 7 de setembro, e gincana geralmente tinha no fim do ano, os professores aqui acolá faziam gincana, geralmente também tinham festas do dia dos pais das mães.

13. Havia avaliações (provas) para medir o conhecimento dos alunos? Se tinham, como eram essas avaliações?

Sim, eram feitas as avaliações e provas, naquela época era rodado no que chamam de mimeógrafo e eram distribuídas as provas, tinham os dias das provas, mais era final de mês naquela época, todo final de mês, a semana final do final do mês era a semana de provas.

14. Como eram as relações entre professores e alunos e, entre alunos e alunos?

Era uma relação bem próxima, só que a gente tinha respeito, naquela época professor era respeitado, a gente respeitava professor como se fosse uma pessoa da família da gente, o pai ou a mãe, a gente tinha todo um respeito, assim como também os colegas, fazíamos as brincadeiras mas todo mundo se respeitava, era uma amizade pura e sincera entre os colegas.

15. Havia castigos para os alunos que não se comportavam bem durante as aulas ou que não realizavam as tarefas de casa? Se sim, quais eram esses castigos? Os pais dos alunos apoiavam essas formas de punição?

Na minha época não, eu ouvi falar muito dos meus primos mais velhos que levavam muitos castigos na escola, já da minha época não, não presenciei esse tipo de castigo físico, mas se o aluno ficasse bagunçado ele ia pra diretoria, era suspenso, presenciei muito, tinha aqueles que eram mais danados e eram colocados para fora da sala.

16. Os pais acompanhavam o desenvolvimento escolar dos filhos? Se sim, como faziam? (Conversavam com o professor, participavam de reuniões escolares, ajudavam os filhos a fazerem tarefas de casa etc.)

Difícilmente os pais acompanhavam, nessa época não havia essa integração que tem hoje escola e família, era só mesmo o aluno ir pra escola, os pais apenas exigia que o filho fizesse as suas tarefas e estudassem para fazer as provas, não tinha esse acompanhamento como tem hoje.

17. A educação escolar dos filhos era prioridade para os pais? Ou os alunos trabalhavam e estudavam?

A maioria dos pais da minha época eles queriam era que os filhos trabalhassem, seguissem outra carreira, estudar eram poucos que se dedicavam ao estudo, porque não tinha aquele apoio dos pais, os pais queriam mais era que os filhos trabalhassem, que ajudassem os pais no dia a dia. Nessa época de 80 quando eu comecei a estudar no meu ginásio eu já comecei a trabalhar para ajudar nos meus estudos.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- Tese
 Dissertação
 Monografia
 Artigo

Eu, Marcos Moura Menezes, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação, **“PROCURAVAM SEMPRE DÁ O MELHOR ENSINO”**: HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FORMAL NAS ESCOLAS QUE POSSUÍAM O 2º GRAU EM PICOS-PI NA DÉCADA DE 1980, de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 03 de abril de 2023.

Marcos Moura Menezes

Assinatura

Marcos Moura Menezes

Assinatura